



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

FERNANDO CAVALCANTE DE OLIVEIRA

**ENTRE AS IMAGENS DO PODER E O PODER DAS
IMAGENS: CONSTRUÇÃO DA FIGURA PÚBLICA DE
GETÚLIO VARGAS**

Londrina
2013

FERNANDO CAVALCANTE DE OLIVEIRA

**ENTRE AS IMAGENS DO PODER E O PODER DAS
IMAGENS: CONSTRUÇÃO DA FIGURA PÚBLICA DE
GETÚLIO VARGAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção de Licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. Wander de Lara Proença

Londrina
2013

FERNANDO CAVALCANTE DE OLIVEIRA

**ENTRE AS IMAGENS DO PODER E O PODER DAS IMAGENS:
CONSTRUÇÃO DA FIGURA PÚBLICA DE GETÚLIO VARGAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção de Licenciatura.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Wander de Lara Proença
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. André Luiz Joanilho
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profª Drª Maria de Fátima da Cunha
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 27 de Novembro de 2013.

Dedico este trabalho aos meus queridos avós Eunilda e Manoel, que trabalharam por toda a vida, sonhando com este momento, e esteja onde estiver, saiba “Vô Mané”, que esse trabalho só nasceu, graças às suas histórias sobre Vargas!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me guiado e fortalecido durante toda a vida estudantil, e por quê sei que estará sempre comigo...

À minha família, namorada e amigos que tanto me apoiaram, suportaram nos momentos de dificuldade e acima de tudo me incentivaram a continuar sempre lutando em busca deste difícil objetivo...

Ao meu orientador, o Prof. Dr. Wander, não apenas por ter abraçado comigo a este trabalho desde o início, mas também pela paciência e pelos ensinamentos valorosos...

A todos os professores que durante os oito períodos procuraram compartilhar seus conhecimentos, e em especial à professora Márcia Elisa Teté Ramos, a qual, infelizmente, não tive a oportunidade de ter como minha docente em nenhuma disciplina, mas com quem muito aprendi, graças à sua coordenação junto ao PIBID de História...

Também aos professores Júlio César, André Luiz e Edméia, que nos momentos propícios chamaram minha atenção e me fizeram recordar de que “Não existe um curso de História sem leitura, estudo e empenho!”

Aos colegas que não apenas facilitaram os dias mais complicados na academia, mas que compartilharam comigo alegrias e tristezas nestes quatro anos, foram eles os responsáveis por me mostrar que por mais difícil que fosse este curso, eu nunca estaria sozinho, nesta batalha diária...

Gostaria de agradecer por fim a muitas pessoas que fizeram este momento finalmente ser alcançado, e em especial a Celina, nossa grandiosa secretária, que por muitas vezes literalmente me salvou, sem esperar nada em troca a não ser um bom bate-papo.

OLIVEIRA, Fernando Cavalcante. **Entre as imagens do poder e o poder das imagens: construção da figura pública de Getúlio Vargas**. 2013. 57 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

RESUMO

Desde sua entrada para a lista de Presidentes da República, Getúlio D. Vargas tem sido objetivo de pesquisa por parte de historiadores, jornalistas e curiosos, devido às suas importantes concessões ao povo. O que levou este homem a atingir tal patamar? Quais foram os mecanismos dos quais ele se utilizou para obter o status de “pai dos pobres”? Por meio de uma pesquisa bibliográfica, da análise do discurso proferido em primeiro de maio de 1938 (uma das inúmeras datas comemorativas que se tornaram marcos de seu governo) e de um trecho de seu discurso realizado em primeiro de maio de 1951, aliados aos trabalhos de autores como Peter Burke, Maria Capelato, Jorge Ferreira, procurou-se compreender quais foram os méritos que Vargas, e seus aliados tiveram na constituição desta imagem, alcançando-se o entendimento de que o ex-presidente, foi, é e sempre será alvo de curiosidade por sua inovação no campo político brasileiro, no que diz respeito aos métodos utilizados e ao uso do imaginário popular para a construção e manutenção do poder.

Palavras-chave: Vargas, Imagem, Propaganda, Discurso, Poder.

OLIVEIRA, Fernando Cavalcante. **Entre los imágenes del poder y el poder de los imágenes: construcción de la “figura” pública de Getúlio Vargas.** 2013. 57 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em nome do curso) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

RESUMÉN

Desde que se convirtió en presidente de la república brasileña, Getúlio D. Vargas ha sido objeto de estudio de historiadores, periodista y curiosos, a causa de sus importantes conquistas de historiadores, periodista y curiosos, a causa de sus importantes conquistas para el pueblo. ¿Lo que hizo ese hombre para llegar a este nivel? ¿Cuáles fueron los mecanismos que él utilizó para obtener el status de “padre de los pobres”? A través de un estudio bibliográfico, del análisis del discurso pronunciado en primer de mayo de 1938 (una de las fechas festivas convertidas en señales de su gobierno), se ve que se convirtió de un trozo de su discurso lanzado en primer de mayo de 1951, y vinculado con trabajos de autores como Peter Burke, Maria Capelato, Jorge Ferreira, se intenta comprender cuales fueron las virtudes que Vargas y sus aliados tuvieron en la construcción de esta imagen, en esta imagen, la construyeron los tres Burke, Maria Capelato, Jorge Ferreira, burocratizando la comprensión de que el expresidente fue, todavía sigue siendo y siempre será objeto de curiosidad, a causa de su innovación en el campo político brasileño, relacionado a los métodos utilizados, al uso del imaginario popular para la construcción y mantenimiento del poder.

Palavras clave: Vargas, Imagen, Propaganda, Discurso, Poder.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	GETÚLIO VARGAS: TRAJETÓRIA E CONTEXTO	11
	2.1 ASPECTOS BIOGRÁFICOS DE GETÚLIO VARGAS	12
	2.2 CONTEXTO POLÍTICO-SOCIAL DOS GOVERNOS VARGAS	25
3	A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA DE GETÚLIO VARGAS.....	35
	3.1 MECANISMOS DE CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE VARGAS.....	35
	3.2 AS IMAGENS QUE CONSAGRARAM PUBLICAMENTE A FIGURA DE VARGAS.....	46
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	REFERÊNCIAS	54

1. INTRODUÇÃO

O trabalho consiste em uma produção historiográfica que objetiva demonstrar como o presidente Getúlio Vargas chegou a ser rotulado por meio de diversas alcunhas como: pai dos pobres, patrono dos trabalhadores, construtor da nação. Busca-se analisar os mecanismos utilizados pelo ex-presidente para constituir essas e outras representações de sua imagem pública, e com isso fundamentar e realizar a manutenção de seu governo.

Por muito tempo a imagem do presidente Getúlio Vargas, presente no imaginário, ou mesmo ensinada, é a faceta de um herói, um “pai” dos pobres. O que foi realizado para que essa imagem fosse obtida? Através de discursos direcionados à população mediante pronunciamentos nas festas nacionais, por meio de cartazes, propagandas e outros meios, o presidente Vargas buscava demonstrar ao povo sua preocupação com a nação e sua unidade, aparentava inicialmente ter o objetivo de estruturar o governo revolucionário e posteriormente devolvê-lo as mãos do povo. Entretanto acabou por se manter no poder por um longo tempo, sem muitos opositores, que vieram a ganhar visibilidade apenas após a Segunda Guerra Mundial, quando passaram a lhe atacar:

[...] ataques das oposições veiculados nos jornais desmereciam particularmente a legislação trabalhista, sobretudo no tocante à implantação do sindicalismo controlado pelo Ministério do Trabalho, definida como obra do fascismo. Ditador, tirano, fascista, demagogo, hipócrita, traidor, mistificador e opressor dos operários, entre tantos outros impropérios, assim Vargas passou a ser qualificado pela oposição e na imprensa a partir de fins de fevereiro. (FERREIRA, 2003, p.17)

E com isso, o presidente viu seu trabalho e sua imagem se perderem? Não, as grandes massas não se mobilizaram contra seu longo governo, na verdade vieram a aclamar sua permanência em 1945, e até mesmo lhe propiciaram o retorno à presidência da República por meio do voto popular em 1951. Esta imagem construída por Vargas foi tão forte que não lhe rendeu apenas um retorno pelo voto popular, mas o interesse de inúmeros historiadores durante os anos e esse é o principal motivo deste estudo, que imagem foi esta capaz de fazer com que a população desejasse sua permanência, e mais tarde, lhe devolvesse o poder, que foi retirado, pelos “inimigos” ricos e poderosos, do querido “pai” dos pobres?

Primeiro, realizaremos um repasse da literatura historiográfica pertinente ao tema, com destaque para os trabalhos dos autores Maria Helena Capelato e Jorge Ferreira. Essas e outras obras serão utilizadas para conhecimentos referentes ao personagem Getúlio Vargas, compreensão do contexto histórico referente ao período em que viveu e atuou.

Após serão apresentados os mecanismos dos quais o presidente Vargas se utilizou para se representar como um governante preocupado com sua nação e interessado em auxiliar as massas, em suas conquistas. Ou seja, se empreenderá uma análise dos mecanismos responsáveis pela construção da imagem pública do ex-presidente - os quais foram utilizados tanto para exaltar sua imagem como para muitas vezes minimizar ou impedir manifestações contrárias ao seu governo. Para tal, será utilizado como fonte o discurso do presidente em 01 de maio de 1938, destacando-se os termos, gestos e simbolismos empregados na fala do presidente, para fazer com que as massas se sentissem acolhidas, demonstrando assim, como o presidente construía uma imagem semelhante à de um pai daquela gente.

Por fim, iremos buscar a análise de como o presidente se portava diante das massas, sendo utilizado para isso um trecho audiovisual do discurso realizado em 01 de maio de 1951, quando mais uma vez Getúlio se apresenta por meio de gestos, representações e concessões que o assemelhavam a uma figura paternal. Com isso se procurará demonstrar que trabalho ou que construção de imagem, foi essa capaz de conduzir as massas, de conseguir delas tamanha lealdade? Capaz de ainda hoje, trazer a figura de Vargas, como modelo para comparação com presidentes como Fernando Henrique ou Lula. Esse é Getúlio Vargas, um homem que teve construída sua imagem como “pai” dos pobres, que soube conduzir as coisas a seu favor e assim despertar a fidelidade de expressiva parcela da população e a curiosidade de historiadores, jornalistas e estudantes (inclusive este) por todo o país, no decorrer dos anos.

2. GETÚLIO VARGAS: TRAJETÓRIA E CONTEXTO

Nesse capítulo, além de uma breve contextualização do primeiro governo Vargas, trabalharemos um lado muitas vezes desconhecido dos aspectos que moldaram seu perfil público e o tornaram um dos mais marcantes presidentes do Brasil: momentos de sua história antes da presidência da República e o contexto que possibilitou sua chegada ao poder. Para tal nos utilizaremos de apontamentos biográficos sobre o personagem, realizados pelo jornalista Lyra Neto, levando em consideração os cuidados que um historiador deve tomar com tal utilização, por dois aspectos principais: a escrita jornalística e o temário biográfico.

Em relação ao texto de estilo jornalístico usado como referência de pesquisa pelo historiador, valemo-nos dos apontamentos conceituais e metodológicos feitos por Tania Regina de Lucca (in PINSKI, 2005, p.111-153). A autora destaca importantes trabalhos desenvolvidos com o uso de textos jornalísticos, entre os quais, pesquisas de Maria Helena Rolim Capelato e Maria Ligia Prado, inclusive em relação ao tema e período de nossa abordagem.¹ No caso de Lyra Neto, vale também destacar que sua narrativa se vale de algumas fontes ou referências: diários, discursos, registros militares, relatórios escolares, relatos, entrevistas, entre outros.

Quanto ao aspecto biográfico, o trabalho de Neto será também utilizado como ponto de partida e introdução do período em que Vargas é pouco documentado, ou seja, sua formação política. Sabemos, a partir de Pierre Bourdieu, dos cuidados metodológicos que o historiador deve ter ao desenvolver a análise biográfica:

O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência narrada (e, implicitamente, de qualquer existência). Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessários. (BOURDIEU in AMADO & FERREIRA, 2001, p. 184).

Além do que, Bourdieu ressalta a necessidade de se compreender determinado indivíduo não por sua genialidade ou iluminação especial – conforme a noção de *carisma*, por

¹ Crise de 1929; movimentos de 1930 e 1932; implantação do Estado Novo (LUCCA apud PINSKI, 2005, p.118).

exemplo, analisada por Max Weber – e, sim, pela construção ou produção coletiva do contexto e das circunstâncias históricas em que se situa tal agente. Em outras palavras, o fascínio que o carisma de um dado personagem pode representar tem suas origens e significados no espaço contextual e na conjuntura histórica em que se processam as ações. O poder exercido, nesse caso, consiste numa legitimadora delegação coletiva. É com essa atenção metodológica que passaremos a analisar nos itens, a seguir, aspectos referentes à biografia de Vargas.

2.1 ASPECTOS BIOGRÁFICOS DE GETÚLIO VARGAS

A historiografia e principalmente os livros didáticos de história, muitas vezes trazem Getúlio Dornelles Vargas como um personagem quase mítico, que se apresenta como a solução para o contexto político do Brasil em 1930. Normalmente Getúlio é retratado como o candidato derrotado nas eleições presidenciais de 1º de março de 1930, que conseqüentemente atuou como um dos tenentes na Revolução Tenentista de 1922, e que por fim viria a se tornar o presidente empossado do Brasil, cargo que devido diversos fatores, ocuparia por 15 anos.

Este trabalho tem como objetivo problematizar as questões mencionadas acima e trazer ao leitor algumas outras perspectivas, tanto da figura de Getúlio Vargas, como de sua história, de seus caminhos pessoais e políticos, que viriam a lhe conduzir à presidência da República e que por muitas vezes, são deixados de lado pelas produções historiográficas, que apresentam Vargas apenas a partir do contexto de 1930. Entendemos que tais aspectos se fazem de extrema importância para se compreender os mecanismos que este personagem utilizou para governar o Brasil e principalmente “sair da vida e entrar para a História”.

Terceiro filho do general Manuel do Nascimento Vargas e da senhora Cândida Dornelles Vargas, Getúlio nasceu em 19 de abril de 1882 em São Borja cidade do Rio Grande do Sul e cresceu em um ambiente político. Conforme aponta Lyra Neto (2012, p.28-44) em seu recente trabalho, o pai era general reformado e proprietário de uma vasta propriedade na cidade de São Borja, era membro do partido Republicano² e todos os seus filhos cresceram

² O Partido Republicano Rio-grandense (PRR) surgiu em 23 de fevereiro de 1882, tinha como objetivo se contrapor ao Partido Liberal e defendia o fim do Império no Brasil, assim como a proclamação da República.

sobre o rigor do homem que lutara na Guerra do Paraguai³, que repetia incansavelmente aos filhos seus feitos e se vangloriava de nunca ter levado desaforos para casa, além do que, seus filhos foram rigidamente educados com as doutrinas do partido Republicano e conseqüentemente tendo Júlio de Castilhos como um chefe exemplar. A política, desse modo, começou a fazer parte da vida de Getúlio desde muito cedo:

Aos sete anos, o esquivo Getúlio assistira às contingências da política invadirem-lhe a porta de casa e se instalarem no seio familiar. Às vésperas da quartelada que resultou na proclamação da república, em 1889, os Vargas e os Dornelles se viram situados em campos políticos radicalmente opostos. O pai de Getúlio se declarou republicano convicto. Os irmãos de dona Candoca⁴, ao contrário, como a maioria, permaneceram fiéis aos liberais comandados por Gaspar Silveira Martins, o homem que “mandava e fazia chover” no Rio Grande do Sul, naquelas últimas décadas do Império. (NETO, 2012, p. 36).

E foi a partir de então que o general Vargas abriu as portas de sua casa para diversas reuniões do partido republicano, que de início não tinham a menor graça para o ainda menino Getúlio, mas, que tempos depois viriam a lhe ser de muito interesse e lhe tomariam muito tempo e preocupação com os movimentos partidários/políticos. Embora as primeiras reuniões dos partidários republicanos nas terras da família Vargas, só tenham ocorrido por volta de 1889, Manuel Vargas já vinha atuando sobre as orientações republicanas desde 1884, quando alforriou todos os escravos da estância, e também apoiou desde o início a campanha de Júlio Castilhos para a presidência do estado do Rio Grande do Sul.

Neste ponto abramos um espaço para contextualizar que Castilhos foi eleito, assumindo em julho de 1891, logo após assumir redigiu e conseguiu a aprovação de uma Constituição Estadual que dava ao Executivo plenos poderes de governar por decretos e ao Legislativo se resumia a incumbência de aprovar orçamentos em seus míseros dois meses de funcionamento. Citadas estas informações, deixamos claro sua importância já que no futuro Borges de Medeiros e o próprio Getúlio se beneficiaram desta constituição.

Logo após sua eleição Castilhos resolveu tomar uma medida que pode ser vista como uma provocação direta aos seus adversários. Durante o Império as fronteiras do Rio Grande do Sul com a Argentina e o Uruguai se tornaram praticamente zonas de livre-comércio e Castilhos, além de extinguir a facilidade alfandegária de seus inimigos liberais,

³ Ainda jovem Manuel Vargas participou do conflito que se estabeleceu entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, formada por Brasil, Uruguai e Argentina, conflito deflagrado de dezembro de 1864 a março de 1870.

⁴ Apelido utilizado pelo autor para referir-se a mãe de Getúlio Vargas a Sra. Cândida Dornelles Vargas.

colocou em prática uma forte repressão ao contrabando, e aliado a isso, a queda do marechal Deodoro da Fonseca, abriu precedentes para que os inimigos republicanos se levantassem contra o governante, por fim, o que antes era um desentendimento entre os Vargas e os Dornelles se tornou ódio, sendo assim, o general foi obrigado a manobrar politicamente, fugiu para a Argentina, já que muitos liberais orientados a reestabelecer a ordem, caçavam aos republicanos, guiados pelo tio de Getúlio, o Sr. Dinarte Dornelles⁵. No entanto, essa fuga do patriarca dos Vargas para a Argentina foi apenas uma maneira de reunir os castilhistas, com o intuito de invadir o Rio Grande do Sul a partir de São Borja e assim reconduzirem Júlio de Castilhos ao governo do estado, apoiando essa empreitada se encontrava o presidente Floriano Peixoto, que buscava o fim dos liberais, que eram acusados de serem monarquistas saudosos. O garoto Getúlio, com apenas nove anos, presenciava a tudo isso e crescia rodeado pela política; o pai retornou ao Rio Grande do Sul e com o apoio do governo federal iniciou a retomada do poder, infligindo aos federalistas os mesmos castigos e severidade que anteriormente haviam tido com os republicanos.

A severidade não passou impune e os federalistas realizaram manobra semelhante a dos republicanos, partindo da fronteira com o Uruguai deflagraram ataques contra as cidades do Rio Grande do sul em busca de uma retomada do poder. Foi a partir de então que teve início a chamada Revolução Federalista, ocorrida entre 1893 até 1895 e que colocou em lados opostos os “pica-paus” (Republicanos que receberam este apelido devido seu uniforme com listras brancas e quepe vermelho) e os “maragatos” (que receberam este apelido devida a participação de muitos uruguaios provindos da cidade de Maragatería). No episódio, destacaram-se entre os maragatos o Sr. Dinarte Dornelles - tio de Getúlio – e entre os republicanos Manuel Vargas, que transformou a Fazenda Triunfo em campo de recrutamento.

É importante destacar, até o momento, as repercussões desse contexto na formação do ainda menino Getúlio Dornelles Vargas:

Pelas ruas de São Borja, a meninada se sentia estimulada a repetir entre si o furor demonstrado pelos pais nos campos de combate, Divididos em grupos rivais, dezenas de maragatos e pica-paus de calças curtas muniam-se de paus, pedras e canivetes e partiam para a briga, o que invariavelmente resultava em ferimentos graves para os dois lados. Em um desses duelos, o retraído Getúlio surpreendeu a todos ao aparecer um dia a frente dos pica-

⁵ Lyra Neto (2012, p. 40) é quem coloca o Sr. Manuel Vargas como um dos Republicanos que se refugiaram na Argentina.

paus mirins, montado a cavalo, levantando poeira e armado de cacete, distribuindo bordoadas entre os pequenos maragatos que fugiram assustados. Quando o pai, Manuel Vargas, soube do ocorrido, passou-lhe uma descompostura e ordenou ao filho que nunca mais repetisse o gesto, Guerra era coisa de homem, não uma brincadeira de criança. (NETO, 2012, p.42).

Enquanto isso, a revolução avançou para a vitória dos republicanos, o que fortaleceu o governo de Júlio de Castilhos e determinou outro fator que no futuro, seria de grande importância para os governos de Borges de Medeiros e de Getúlio como presidentes do Rio Grande do Sul, a criação da brigada militar estadual, que atuaria como responsável em conter os adversários, foi após o fim da revolução também que o pai de Getúlio passou a ser conhecido como o General Manuel do Nascimento Vargas.

Até seus quinze anos, Getúlio estudou na escola de São Borja, e era muito aplicado para a leitura como viria a notar seu professor Fabriciano Júlio Braga. Preocupados com o futuro de cada um dos filhos, o general e sua esposa já haviam enviado os irmãos mais velhos de Getúlio: Viriato e Protásio para a cidade de Ouro Preto em Minas Gerais, para continuarem os estudos e conseqüentemente prestarem exames para instituições de ensino superior, já que além de São Borja não possuir ensino ginasial, muito menos detinha uma instituição acadêmica e além do que, Ouro Preto era referência (pelo menos nos últimos anos) tanto de um, quanto do outro tipo de ensino, estudantes das mais variadas e importantes famílias do Brasil, eram enviados para a cidade.

Ali a uma distância de pelo menos quatro estados, os jovens rio-grandenses reproduziam os velhos conflitos dos pais; Getúlio foi introduzido na sala dos “pica-paus”, e pode verificar que os conflitos políticos eram ainda praticados fortemente na cidade, entre um dia e outro surgia alguma briga entre os “maragatos” e os “pica-paus”, exemplo para um destes conflitos pode ser descrito nas palavras de Lyra Neto:

Um dos mais ruidosos conflitos entre as duas facções estudantis se deu quando alguém teve a ideia de leiloar, em quermesse realizada nas dependências do teatro municipal, um quadro a óleo de Floriano Peixoto, morto cerca de dois anos antes. Na ocasião, os pica-paus presentes sugeriram que fosse tocado o Hino Nacional em memória do “Marechal de Ferro”, o homem que garantiria e referendara a ascensão política de Júlio de Castilhos no Rio Grande do sul. Os maragatos, antiflorianistas ferrenhos, se opuseram, revoltados. Um deles se levantou e gritou do alto de um camarote a frase que serviu de senha para a luta aberta: “Não consinto que toquem o hino para esse bandido!” Depois disso, ninguém mais conseguiu entender. O tumulto prosseguiu até o dia seguinte, quando os estudantes castilhistas saíram às ruas da cidade em passeata, incluindo os três irmãos Vargas, numa

demonstração de força que deixou os oponentes acuados. (NETO, 2012, p. 52-53).

A partir deste momento, os estudantes castilhistas passaram a dominar o cenário estudantil na cidade, até que os estudantes paulistas se colocassem em substituição aos maragatos. Getúlio não terminou os estudos ginasiais, e decidiu retornar a São Borja, onde comunicou à família que seria militar. O pai embora condecorado pelos feitos militares, não aprovou a princípio, no entanto, acabou por aceitar, já que se julgava culpado pelas histórias de seus feitos bélicos que contou durante toda a infância do menino.

Já tendo perdido um ano devido algumas dificuldades com seus irmãos em Ouro Preto, Getúlio serviu um ano como recruta no 6º batalhão do exército, sediado em São Borja. Ao adentrar no 6º Batalhão, o soldado Vargas conseguiu em apenas um ano subir de patente, o que lhe permitiria adentrar na Escola militar de Rio Pardo; foi impedido, no entanto, por uma carta informando que aquela instituição estava sem vagas, o que lhe fez perder mais um ano, e ainda rasurar sua certidão de nascimento, alterando o próprio ano de nascimento de 1882 para 1883, já que teria uma idade superior à permitida para inscrição no Colégio Militar. Já no Colégio Militar de Rio Pardo, uma atitude selaria seu destino militar para sempre:

“Você é um cínico!”, gritou o capitão. “Cínico é você, seu bandido!”, devolveu o cadete. Foi um escândalo. Um simples aluno havia desafiado o oficial do dia. Tratava-se de evidente quebra de hierarquia, definiu o comando da Escola. O caso se complicou quanto um grupo de estudantes declarou solidariedade ao camarada envolvido na cena de desacato. (NETO, 2012, p. 68).

Getúlio acabou apoiando aos revoltosos, e conseqüentemente foi expulso, rebaixado e enviado para o 25º Batalhão da Infantaria, em Porto Alegre, onde deveria prestar serviços como um soldado raso. Foi quando resolveu estudar com o objetivo de prestar exames para a recém-inaugurada faculdade de Direito de Porto Alegre, aprovado nos exames o soldado Vargas estava a ponto de solicitar baixa do exército e iniciar seus estudos em advocacia, quando chegou o comunicado de que o Brasil e a Bolívia estavam em sob aviso de guerra: pelo direito de posse do Acre.

O garoto que sonhava em servir ao seu país finalmente viu surgir à oportunidade de realizar este desejo ao embarcar para o Mato Grosso, de onde o 25º Batalhão de Infantaria iria se unir aos demais batalhões no Acre. Já no embarque Getúlio passou a compreender que os soldados brasileiros nada mais seriam do que um blefe do governo, que ainda negociava um acordo com a Bolívia, acordo este, que viria sem que nenhum tiro fosse disparado por

qualquer uma das nações. Por fim, Getúlio pediu dispensa e pode cursar sua faculdade de Direito e foi a partir de então que se conheceram duas outras qualidades de Getúlio Dornelles Vargas: a primeira, a força de suas palavras escritas, quando, por meio de alguns textos enviados ao jornal *O Independente*, demonstrou habilidade ao denunciar o descaso com os soldados brasileiros na fronteira boliviana; e a segunda, talvez uma das mais importantes para sua futura trajetória política, a habilidade de orador. (NETO, 2012, p. 77).

Durante seus anos de faculdade, sua participação no movimento estudantil passou a ser maior e a partir de seu terceiro ano, suas presenças já não eram tão certas durante as aulas. Um dos episódios que se destacam de sua participação junto ao movimento é o da visita do ex-presidente Afonso Pena: quando ao ser destacado pelos colegas como orador oficial em uma manifestação que ocorreria durante a recepção ao então presidente, Vargas atuou como um homem que defendia os dois lados. O Governo Estadual negara o pedido do movimento estudantil, que objetivava enviar um destacamento de acadêmicos para acompanhar o Presidente desde seu desembarque até a capital, alegando que o vapor estava lotado e que no máximo um estudante poderia participar. Diante do ocorrido o movimento estudantil decidiu em assembleia boicotar a recepção.

Diante disto, Getúlio foi então o designado para discursar, no entanto, estariam presentes na recepção o então presidente do Rio Grande do Sul Borges de Medeiros e o senador gaúcho Pinheiro Machado, ambos amigos e aliados políticos da família Vargas, com destaque para o fato de que Machado era amigo pessoal do General Vargas. Deste modo, o jovem estudante de direito se viu em uma “encruzilhada”, ali, decidiu que iria expressar o descontentamento dos estudantes com o ocorrido, no entanto, passou logo a exaltar o novo presidente da República. Este discurso não só agradou ao líder Borges de Medeiros, como a muitos estudantes e assim com os desentendimentos superados, um ano depois foi fundado o Bloco Acadêmico Castilhistas, que tinha o objetivo de apoiar a candidatura de Medeiros a presidente do Rio Grande do Sul. Após sua eleição Borges de Medeiros não se esqueceu dos estudantes, a Getúlio que em poucos meses seria um advogado diplomado, caberia a segunda promotoria de Porto Alegre.

Como promotor Getúlio atuou em diversos casos, mas um que se pode destacar é o seguinte:

[...] o promotor Getúlio Dornelles Vargas compareceu ao tribunal para proceder à acusação de certo Antônio Paixão, indiciado por provocar ferimentos graves em outro homem, Fortunato de Barros, a golpes de

formão, ferramenta de corte para entalhar madeira. Ao analisar o relatório policial, Getúlio constatou que a vítima se metera antes em um discussão com um terceiro sujeito, Serapião Fernandes, pelo fato de este andar de namoro com a amante de um amigo comum dos três citados no inquérito. Fortunato e Serapião acabaram saindo no tapa e Antônio Paixão, que não tinha nada com a briga original, resolveu intervir. Terminou agredido por Fortunato e, para não ser espancado, apelou para o formão. À Luz dos autos, mas para o pasmo do juiz, a surpresa dos jurados e o espanto do próprio advogado do réu, Getúlio, responsável pela acusação, arguiu a tese de legítima defesa. Ao tomar rumo inesperado, o julgamento terminou antes de começar e, pela singularidade foi destaque na imprensa rio-grandenses. (NETO, 2012, p. 105-106).

A partir daí o promotor Getúlio atuou em inúmeros casos, mas suas preocupações estavam em sua terra natal, São Borja, onde a efervescência política crescia, e os adversários dos republicanos se agitavam, pois os Maragatos estavam desafiando o governo do partido republicano e boicotavam os bloqueios do governo, praticando contrabandos. Paralelo a isso, os Dornelles antigos rivais dos Vargas, perderam força política após a derrota de seu candidato Aparício Mariense nas eleições locais para o patriarca dos Vargas, o General Manuel, assim, outra família viria a desenvolver certa autonomia, a família Escobar (que seria utilizada por Borges de Medeiros, como um meio de assegurar que os Vargas não se destacassem demais); Getúlio preocupado com a perda de espaço da família na conjuntura do partido em São Borja pediu licença de seu cargo e viajou para casa.

Getúlio decidiu então que iria retornar para Porto Alegre e solicitar sua demissão do cargo de promotor público; o intuito era concorrer ao cargo de Deputado Estadual, nas eleições que viriam a ocorrer, e como era de costume, os aliados do Governo Estadual foram eleitos, entre eles, Getúlio Dornelles Vargas, que iniciava aqui sua vida política propriamente dita. No entanto, a vida de parlamentar no Rio Grande do Sul, não tinha nada de excitante; eleitos em março de 1909 os Deputados se reuniram apenas em setembro, quando escolheram as comissões internas, para então atuarem por míseros dois meses, onde nenhum dos deputados discordava das orientações providas de Borges de Medeiros⁶.

Durante seu primeiro mandato⁷, em uma das idas e vindas a São Borja, Getúlio pediu em casamento a jovem Darcy Sarmanho, começava aqui a vida de pai de família, pois, pouco menos de um ano após o casamento, ocorrido em 04 de março de 1911 (apenas no civil, devido os ideais positivistas de Getúlio), viria ao mundo o menino Lutero Vargas, em 24

⁶ Conforme citado anteriormente, a Constituição Castilhistas previa que o Legislativo atuaria apenas dois meses, e o Executivo é que seria responsável por todo o Governo no restante do ano; neste período o Deputado Vargas voltava para São Borja onde atuava como advogado.

⁷ Mandato de Deputado Estadual exercido entre 1909 – 1913.

de fevereiro de 1912. Junto a isso ocorreu sua indicação para um segundo mandato em 1913, onde Getúlio foi o candidato com o maior número de votos em todo o Rio Grande do Sul. No entanto, mal estavam abertos os trabalhos Getúlio renunciou ao cargo:

“Renunciei porque quem muito se agacha perde com a indignidade do gesto o respeito que lhe é devido”. A frase deixava margem para a hipótese de que, na verdade, haveria algo mais em jogo do que a simples solidariedade de Getúlio aos amigos de Cachoeira. E de fato havia. Borges de Medeiros estava incentivando uma disputa política de consequências até então inimagináveis em São Borja. O caso dizia respeito diretamente à honra da família Vargas. Honra que Viriato, o irmão mais velho de Getúlio, viria a lavar com sangue. (NETO, 2012, p. 122) ⁸.

Devido a alguns ocorridos que lhe prejudicaram o poder, Borges de Medeiros voltou a precisar de apoio das lideranças municipais, e tentou encerrar as disputas em São Borja, entre os Vargas e os Escobar, por meio do um acordo Érico Riberio da Luz, amigo dos Vargas seria o próximo intendente⁹ e Aparício Mariense da Silva Filho, companheiro político dos Escobar, seria o vice e os demais cargos seriam distribuídos entre os dois clãs e seus respectivos aliados. No entanto, Rafael Escobar acabou aclamando que a população não votasse em Érico, o que fez com que o acordo fosse tido como anulado, e os Vargas decidiram negar o cargo de vice a Mariense, Borges de Medeiros, nada fez diante das reclamações dos Escobar, e como prova de que voltava a ficar do lado dos Vargas, acabou oferecendo a Getúlio o cargo de chefe da polícia estadual, ele que sabia medir as decisões negou, já que devido a uma revolta ocorrida em Porto Alegre, mediu que assumir o cargo não seria uma atitude muito produtiva, no entanto, pensou em medir as palavras para não ofender o líder. Getúlio estava mais uma vez executando uma das suas melhores artimanhas: esperar pelo momento e pela oportunidade certa (NETO, 2012, p. 148-149).

Quatro anos depois de sua renúncia e com a confiança de Borges de Medeiros reconquistada Getúlio retornava a cadeira de deputado estadual, mais pronto do que nunca, agora era um orador que realmente defendia os interesses do governo na Assembleia, seus

⁸ Borges de Medeiros havia exigido a renúncia de dois deputados de Cachoeira, Arlindo de Freitas Leal e Isidoro Neves da Fontoura, ambos amigos de Getúlio, para que seu tio Horácio Borges, pudesse ter uma cadeira na Assembleia e ainda como citado acima, estava incentivando um crescimento no poder da família Escobar, para que os poderes em São Borja ficassem divididos e o controle permanecesse tranquilo para ele, devido a isso Getúlio renunciou como também chegou a cogitar um enfrentamento armado, mas acabou refletindo e voltou a ser o pensativo Getúlio que conseguiu auxiliar a recondução da família ao poder da cidade.

⁹ Intendente era um cargo semelhante ao de Prefeito; conforme a Constituição Castilhistas, os intendentes deveriam ser indicados pelo presidente do Rio Grande do Sul.

colegas e opositores admiravam-se a cada novo pronunciamento. No entanto, Vargas não permaneceria ali até o fim do mandato, com o falecimento de um dos representantes rio-grandenses, o deputado Rafael Cabeda, uma cadeira de deputado federal ficou vaga, e embora esta pertencesse à minoria do estado, Borges de Medeiros, encontrou meios de conduzir Getúlio, seu principalmente representante, para ocupá-la; os dias de Getúlio Dornelles Vargas como deputado estadual estavam contados.

Antes de partir para o Rio de Janeiro, Getúlio foi incumbido de outra missão, apurar os votos para sucessão da presidência do Rio Grande do Sul; Borges de Medeiros havia atingido a maioria dos votos, mas não o suficiente para reassumir o cargo, e deste modo, Getúlio e os colegas que lhe acompanhavam na apuração “maquiaram” os números, aclamando a Borges como reeleito:

Essa aclamação sem dúvida deu à oposição legitimidade para garantir pelas armas o resultado das urnas. Logo após o pleito, realizado em 25 de novembro de 1922, começaram os rumores do levante, cuja anúncio se dava desde a crise econômica estadual de 1920 (em grande parte consequência do refluxo dos mercados no pós-Primeira Guerra Mundial) pelas tribunas da Assembleia. De ambos os lados rebentaram acrimoniosas acusações de fraude. (AXT, 2002, p. 120).

A oposição revoltou-se e exigiu uma recontagem por meio de um Tribunal de Honra, negada por Medeiros, curiosamente, meses antes durante as eleições para sucessão da presidência da República, o Rio Grande do Sul, foi um dos estados a apoiar a Reação Republicana, que teve seu candidato Nilo Peçanha derrotado, e viu o candidato “café com leite”, Artur Bernardes ser eleito, no entanto, a oposição exigiu uma recontagem, também negada pelo governo Federal, e a partir daí ocorreu o levante conhecido como “Os dezoito do Forte de Copacabana”, precursor do movimento tenentista (AXT, 2002, p. 120 - 121)¹⁰.

Mas Borges de Medeiros sabia se aproveitar de uma situação como ninguém, orientou que seus deputados ficassem em silêncio, e ele mesmo se declarou contra qualquer tipo de levante contra o governo federal, infelizmente seus adversários não concordavam com isso, e após virem seu pedido de recontagem ser negado e estrategicamente retirado de pauta na assembleia, depois de solicitação de Getúlio. Os federalistas então partiram para revolução, e mais uma vez Getúlio partiria para um embate bélico, justo no momento em que já era pai

¹⁰ Gunter Axt (2009, p. 120-121) aponta para o levante armado realizado pela oposição gaúcha diante da negativa de recontagem, enquanto Marieta de Moraes Ferreira em parceria com Surama Conde Sá Pinto (in FERREIRA & Delgado, 2003, p. 398-403), resume brevemente o levante dos “Dezoito do Forte de Copacabana” e aponta para o apoio do governo estadual do RS ao mesmo, devido a negativa do Tribunal de Honra.

de cinco crianças, seu escritório de advocacia estava com muita demanda de clientes, iria se tornar deputado federal. (FERREIRA; PINTO in FERREIRA & DELGADO, 2003, p. 398 – 403).

Em 1923, Getúlio atingia um posto militar a muito almejado, tenente-coronel, mas já não era seu desejo ser um soldado¹¹, mas o momento exigia isso dele, Borges de Medeiros havia telegrafado e orientado que reunisse um pelotão em São Borja e partisse para a cidade de Uruguaiana, onde prestaria apoio contra os revoltosos, se poderia dizer que Getúlio Vargas era um homem de que não foi feito para embates bélicos, com um pelotão fracamente armado de poucas armas de fogo, e muitos pedaços de madeira, mais uma vez nem precisou disparar um único tiro, antes de atingir seu destino, Vargas recebeu novo telegrama do líder do PRR¹², deveria rumar para o Rio de Janeiro e assumir sua cadeira como deputado federal, Borges de Medeiros sabia que lá, o tenente-coronel Vargas se faria mais útil.

Já na Câmara dos Deputados, Getúlio utilizou-se da velha estratégia: permaneceu em silêncio por inúmeras sessões, até que se sentisse pronto para um pronunciamento, infelizmente, o primeiro deles foi tido como vazio, o objetivo era rebater aos federalistas que por meio do deputado Francisco Antunes Maciel Junior, exigiam a intervenção do governo Federal no Rio Grande do Sul,

[...] e grande número de deputados dissidentes do Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco votaram a favor da medida, demonstrando um recuo das oligarquias e a desarticulação completa da Reação Republicana. (FERREIRA; PINTO in FERREIRA & DELGADO, 2003, p. 400).

Essa era uma estratégia que viria a ser muito utilizada por Medeiros, orientar seus deputados a votar de acordo com as vontades do presidente, no caso acima Epiácio Pessoa, que desejava uma reação ao movimento dos Dezoito do Forte, “essa posição do Rio Grande do Sul garantiu o controle do estado para o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR)” (FERREIRA; PINTO in FERREIRA & DELGADO, 2003, p. 401). Como obteve sucesso com essa estratégia, Borges de Medeiros a utilizaria para aproximar-se também do presidente Artur Bernardes, inclusive orientando os deputados rio-grandenses a votar pela intervenção federal no próprio estado. No entanto, é lógico que Getúlio possuía um plano, usando-se de

¹¹ Getúlio alcançava o posto devido a tentativa de insurreição que vinham promovendo os federalistas no Rio Grande do Sul, no entanto, já não era de seu desejo ser um militar devida a expulsão ocorrida por consequência do apoio ao colega que desacatara um superior, quando ainda frequentava o Colégio Militar.

¹² Partido Republicano Rio-grandense

um artigo da Constituição Federal, informou que tal intervenção somente deveria ocorrer se existisse uma dualidade de poderes no Rio Grande do Sul e segundo Getúlio,

Não haveria necessidade de intervenção porque o governo do Rio Grande do Sul tem força material para esmagar os revoltosos [...], Estão fazendo correrias pela campanha, mas não ocupam nenhuma comarca do Rio Grande do Sul. (Frasas constantes no pronunciamento do Deputado Federal Getúlio Dornelles Vargas, sessão da Câmara de 12 de julho de 1923, reproduzidas em NETO, 2012, p. 200).

Durante as próximas sessões Getúlio ficaria em silêncio, voltando à tribuna, a cada vez mais preparado, para responder aos ataques da oposição, e sempre defendendo a não intervenção do governo em seu estado natal.

A Revolução¹³ se arrastaria por onze meses daquele ano de 1923, encerrando-se com a assinatura do *Pacto das Pedras Altas*¹⁴, graças a este acordo é que em 1928, Getúlio poderia se tornar presidente do Rio Grande do Sul, já que um dos principais termos acordados foi que Borges de Medeiros poderia encerrar seu mandato, no entanto, não mais poderia disputar uma reeleição.

Getúlio seria ainda eleito para um novo mandato como deputado federal em 1924, mandato este marcado por sua oposição contra a coluna Miguel Costa-Luís Carlos Prestes:

Para homenagear o movimento de 1922, dois anos depois eclodiria o chamado 05 de julho em São Paulo. Em 1924, contudo, a articulação dos militares foi mais bem preparada. O movimento tinha como objetivo a derrubado do governo de Artur Bernardes, visto pelos tenentes como ícone das oligarquias dominantes. A ação do grupo foi iniciada com a tomada de alguns quartéis. Apesar dos tenentes conseguirem se instalar na capital paulista, com a ação repressiva do governo, que não distinguia rebeldes dos civis, os tenentes revolveram abandoná-la, deslocando-se para o interior de São Paulo, onde também eclodiam revoltas. Fixando-se em seguida no Oeste do Paraná, as tropas vindas de São Paulo enfrentaram os legalistas à espera dos “tenentes” provenientes do Rio Grande do Sul, onde as revoltas tiveram à frente figuras como João Alberto e Luís Carlos Prestes e contaram com a oposição gaúcha do PRR. Em abril de 1925 as duas forças se juntaram, dando origem à Coluna Miguel Costa-Luís Carlos Prestes. Momento

¹³ A denominada Revolução de 1923 ocorreu entre janeiro de 1923 e dezembro de 1923, e detinha duas frentes inimigas: a primeira os Federalistas que exigiam a saída de Borges de Medeiros da Presidência do Rio Grande do Sul; a segunda os Republicanos que defendiam sua permanência.

¹⁴ Foi o acordo que selou o fim da Revolução de 1923, onde ficou determinado que: estavam proibidas as reeleições, ou seja, Borges de Medeiros não poderia se reeleger; O presidente do Estado não mais poderia indicar seu vice ou os intendentos (prefeitos). O pacto recebeu este nome, devido sua assinatura ter ocorrido no interior do “Castelo” de Assis Brasil.

culminante das revoltas tenentistas e episódio mais importante da saga dos tenentes, a coluna, organizada sem que um plano tivesse sido previamente traçado, com seus 1.500 homens, percorreu cerca de 25 mil quilômetros, atravessando 13 estados brasileiros, propagando a revolução e o levante da população contra as oligarquias, até que seus remanescentes dirigiram-se para a Bolívia e para o Paraguai. (FERREIRA; PINTO in FERREIRA & DELGADO, 2003, p. 401).

Getúlio acabou deixando o mandato na metade, já que em 1926 a política do “café com leite” entre Minas e São Paulo, parecia voltar a funcionar e Washington Luís foi eleito sem maiores problemas, e foi aqui que Getúlio iria tomar nova proporção política, um pouco negativa, mas muito expressiva, foi escolhido pelo presidente recém empossado como Ministro da Fazenda, e levantou muitos questionamentos já que sua formação acadêmica, nada tinha haver com a pasta para a qual foi designado.

Atuou como ministro pouco mais de um ano, onde o destaque é para o fato de que a imprensa e até mesmo alguns personagens envolvidos em política como o segundo-secretário da embaixada britânica, J. D. Greenway, definiam-no como, “um homem sem conhecimento ou experiência, seja de finanças, seja de economia, tem sido apenas uma marionete nas mãos do presidente.” (NETO, 2012, p. 256-257), deixou o cargo, já que em 1928 ocorreria sucessão da presidência do Rio Grande do Sul, cargo que almejava e que viria a ser seu nas eleições daquele ano.

Getúlio foi um marco para a política do Rio Grande do Sul em dois pontos. Primeiro, encerrou o mandato do homem que tinha visto do governo do estado à eleição e posse de nada menos do que onze presidentes da República: Prudente de Moraes, Campos Sales, Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha, Hermes da Fonseca, Wenceslau Brás, Delfim Moreira, Epitácio Pessoa, Artur Bernardes e Washington Luís. E segundo, realizou uma forte recuperação na economia do estado, como aponta Gunter Axt (2002).

Durante seu governo no Rio Grande do Sul, Vargas procurou manter boas relações com o governo de Washington Luís, e destas conquistou verbas importantes para seu plano de ação no estado, dentre as quais se podem destacar: as reformas no Porto de Pelotas, muito importante para o comércio do estado; A criação da Viação Aérea Rio-grandense (VARIG) e do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, ambos foram de extrema importância para uma completa reestruturação da economia estadual. Vargas, ainda diferente de seu antecessor, respeitou muitas das vitórias da oposição, o antigo partido federalista, agora denominado Partido Libertador; muito desse respeito se fez graças a outro termo do Pacto das

Pedras Altas, este termo definia que as intendências¹⁵ também teriam eleições e não uma escolha por parte do presidente estadual.

Muito embora procurasse promover boas relações com o presidente da república, Getúlio iniciou uma forte campanha de oposição a pontos defendidos pelo governo federal, exigia o voto feminino, o fim das corrupções (principalmente da política café com leite)¹⁶ e em uma incrível reviravolta de ideologias: o voto secreto. Reviravolta de ideologias, pois, ainda quando era um deputado federal que defendia o governo de Borges, ocorreu que em sessão da Câmara:

O deputado pernambucano Souza Filho partiu em auxílio a Antunes Maciel. Recordou a todos que, no Rio Grande do Sul, não havia liberdade eleitoral, pois não existia a possibilidade do voto secreto (como na legislação federal, que a despeito disso “facultava” o voto a descoberto, o que transformava o sigilo do voto em segredo de polichinelo). “Então Vossa Excelência quer a liberdade sem a responsabilidade?”, questionou Getúlio. “Ah, já sei. Vossa Excelência quer essa liberdade que se conquista pela mancebia, como as amantes em quarto escuro.” (NETO, 2012, p.209).

Anteriormente, mas principalmente a partir deste governo estadual se fez presente uma figura que apoiaria e faria a defesa da boa imagem de Getúlio Dornelles Vargas durante sua trajetória, o Sr. Assis Chateaubriand. Este teria recebido a ajuda de Vargas em dois momentos importantes de sua carreira, o primeiro, Getúlio teria sido o “repórter secreto” que lhe passava informações das decisões do governo em primeira mão, para que este publicasse *O Jornal*¹⁷ com notícias, cujas quais os demais jornalistas só teriam acesso mais tarde. A segunda foi quando Getúlio ainda como ministro do governo Washington Luís, auxiliou Chatô para a liberação de um empréstimo, cujo objetivo era a criação de uma revista de publicação nacional, o que ainda não acontecia; deste auxílio nasceu a conhecida revista *O Cruzeiro*.

Com o gesto, Getúlio Vargas ganhou a simpatia e a gratidão daquele que, muito em breve, viria a ser o homem de imprensa mais rico e mais poderoso do país. Um trunfo que ajudaria Getúlio na efetiva construção de sua imagem pública, (NETO, 2012, p. 250).

¹⁵ Intendências equivalem às prefeituras.

¹⁶ *Política Café com Leite*: era o revezamento de sucessão presidencial realizado pelas oligarquias de São Paulo, então o grande produtor de café e as oligarquias de Minas Gerais, estado que na época era grande produtor de leite, assim, surgiu à denominação “Política Café com Leite”.

¹⁷ Foi um jornal brasileiro, fundado em 1919 na cidade do Rio de Janeiro (então capital do Brasil); em 1924 foi adquirido por Assis Chateaubriand, que passou a utilizar das informações de seu “repórter secreto” (denominação que o próprio Chateaubriand desenvolveu), para aumentar sua circulação. *O Jornal* foi encerrado em 1974.

O governo estadual de Vargas viria a ser interrompido por um acontecimento novo diante da política do *café com leite*: Washington Luís apoiou a candidatura de Júlio Prestes, que não fora o indicado pelo “acordo”, encerrando aqui a mais longa política de sucessão presidencial do Brasil, e com isso permitindo que os mineiros apoiassem o lançamento da candidatura de Getúlio Dornelles Vargas à presidência do Brasil.

2.2 CONTEXTO POLÍTICO-SOCIAL DOS GOVERNOS VARGAS

Neste momento do trabalho, o objetivo será o de reconstruir o período e o contexto do chamado “Primeiro Governo Vargas”, ocorrido de 1930 até 1945, partindo de um repasse da literatura historiográfica pertinente ao tema, com destaque para as obras dos autores Dulci Pandolfi, Maria Helena Capelato e Jorge Ferreira. Esses textos serão utilizados para conhecimentos referentes ao personagem Getúlio Vargas, compreensão do contexto histórico referente ao período em que viveu e atuou e análise dos mecanismos responsáveis pela construção da imagem pública do ex-presidente - mecanismos estes utilizados tanto para exaltar sua própria imagem como para muitas vezes minimizar ou impedir manifestações contrárias ao seu governo e principalmente alcançar sua continuidade como presidente do Brasil.

Getúlio foi lançado como candidato à presidência, tendo como seu vice o governador paraibano João Pessoa; ali surgiu a Aliança Liberal, formada pelas lideranças políticas do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba e mais alguns grupos de oposição ao governo federal. Mesmo com o apoio dos mineiros, Júlio Prestes é quem foi eleito, e assim instaurou-se uma forte tensão, capaz de aproximar tenentes e algumas lideranças que haviam se oposto à Coluna Miguel Costa-Luís Carlos Prestes, entre eles Getúlio. Esta tensão se transformou em Revolução, após o assassinato de João Pessoa em 26 de Julho de 1930, que embora não tivesse intenções políticas, foi utilizado como uma das justificativas para o levante em 03 de outubro de 1930, culminando na deposição do presidente Washington Luís, “Em 24 de outubro, os generais Tasso Fragoso, Mena Barreto e Leite de Castro e o Almirante Isaías Noronha depuseram o então presidente Washington Luís, no Rio de Janeiro [...]” (FERREIRA; PINTO in FERREIRA & DELGADO, 2003, p. 407).

Após a deposição, alguns militares constituíram uma Junta Provisória de Governo, que “tentou permanecer no poder, mas a pressão das forças revolucionárias vindas do Sul e

das manifestações populares obrigaram-na a entregar o governo do país a Getúlio Vargas” (FERREIRA, PINTO in FERREIRA & DELGADO, 2003, p. 407). Iniciava-se ali, naquele 03 de novembro de 1930, o Governo Provisório (1930 – 1934), que de imediato fechou o Congresso Nacional e as Assembleias Estaduais, retirou do poder os governadores e revogou a Constituição de 1891¹⁸.

Logo no início do Governo Provisório, Getúlio teve que decidir entre as duas opções que se levantavam para o novo regime a ser instaurado no país: primeiro, os tenentes desejavam um Estado centralizador que visasse o nacionalismo e reformista, que impedisse o retorno da democracia antes que se tivesse superado as oligarquias; por outro lado, os “oligarcas dissidentes” (como denomina PANDOLFI in FERREIRA & DELGADO, 2006, p. 17), queriam conquistar mais poder para os estados e menos para a União. Vargas logicamente decidiu pelas exigências dos tenentes, já que como citado anteriormente, apresentava-se naquele momento um grande defensor do fim da corrupção, cujas oligarquias eram tidas como grandes responsáveis.

Durante o primeiro período de seu governo Vargas procurou implantar políticas que o aproximassem das massas¹⁹ e também das lideranças políticas de cada um dos estados da União, entre elas se encontravam:

- A jornada de trabalho para os setores do comércio e da indústria de oito horas;
- A regulamentação do trabalho feminino e do infantil;
- A adoção e prática da lei de direito a férias;
- A instituição da Carteira de Trabalho;
- O direito assegurado aos trabalhadores de aposentadoria e pensões;
- O direito aos trabalhadores do D.S.R.

¹⁸ Dulci Pandolfi publicou em 2003 um trabalho sobre os três períodos do Primeiro Governo Vargas, e é a partir dele que se seguem as próximas reflexões sobre os mesmos, com respaldo para as contribuições de dois trabalhos da autora Maria Helena Capelato, que serão base para as reflexões sobre o Estado Novo e por fim um do autor Jorge Ferreira, que trabalha o movimento ocorrido no final do Estado Novo, denominado *queremismo*.

¹⁹ Ao empregarmos nessa pesquisa o termo "massas", seguimos o sentido proposto tanto por Maria H. R. Capelato (*Estado Novo Novas Histórias*, 1998) como por Ângela de Castro Gomes (*A invenção do trabalhismo*, 1994), sinalizado por ambas em seus trabalhos como sendo um termo utilizado para definir os trabalhadores do período. Jorge Ferreira também utiliza este termo como representação das pessoas “pobres” ou “comuns” (*A democratização de 1945 e o movimento queremista*, 2008).

Tal conjunto de leis culminaria em 1943 na consolidação das leis de trabalho, a chamada CLT. Embora Vargas procurasse se aproximar da população ao realizar “o atendimento de uma reivindicação antiga dos trabalhadores brasileiros, mas também o controle do Estado nas relações entre patrões e operários” (CAPELATO in FERREIRA & DELGADO, 2006, p.115), o Governo Provisório foi muito marcado por fortes oposições, tanto de políticos da oposição, como de sindicatos (estes se opunham de início pelo fato, do governo ter desenvolvido a chamada Lei de Sindicalização, que além de definir os sindicatos como órgãos públicos, exigiam que estes para funcionarem tivessem o aval do governo). Vargas ainda recebeu oposição de onde menos esperava alguns “aliados”, como Borges de Medeiros, que chegou a apoiar a Revolução Constitucionalista de 1932 e só não partiu com sua brigada militar contra o governo, por que o exército conteve os ânimos no Rio Grande do Sul.

Em 1932, os paulistas que se sentiam os grandes derrotados pela Revolução de 1930, pegaram em armas e levantaram-se contra o Governo, tudo isso, graças a algumas medidas, como a criação do Conselho Nacional do Café, que visava retirar de São Paulo o controle sobre a política cafeeira e principalmente após a nomeação de um não paulista, João Alberto de Lins Barros, como interventor do Estado, já que os governadores anteriormente eleitos foram retirados do poder, e agora seriam todos substituídos por homens escolhidos a dedo por Vargas. Como dito, São Paulo já tinha recebido inúmeros e nenhum deles era do gosto das lideranças paulistas; assim, eles partiram para revolução, e iriam receber apoio de outras frentes, se o governo não tivesse agido rápido e reprimido os demais levantes.

Entre as reivindicações dos paulistas estavam: a troca do interventor de São Paulo e a convocação de uma Assembleia Constituinte, com o objetivo de reconduzir o país para a democracia, já que o Governo Vargas vinha interferindo diretamente nas decisões estaduais com medidas fortes, como por exemplo, o emprego do Código dos Interventores que,

[...] não permitia aos estados contrair empréstimos sem autorização do poder central. Também não podiam gastar mais de 10% da despesa ordinária em serviços da polícia militar, dotar as policiais estaduais de artilharia e aviação ou de armá-las em proporção superior à do Exército. (PANDOLFI in FERREIRA & DELGADO, 2006, p. 19).

Ao final de três meses embora o Governo tivesse contido a Revolução de 1932, os paulistas se sentiam vitoriosos, pois, além de nomear um paulista como interventor, Armando

Sales, o presidente aceitou convocar a já eleita Assembleia Constituinte²⁰ antes mesmo da revolução, já havia sido criado o código eleitoral, e as cadeiras para a Assembleia foram eleitas pelo voto secreto²¹ do povo, e sendo a primeira eleição sob a tutela da recém, criada Justiça Eleitoral. Nesta eleição foi possível que as mulheres: votassem pela primeira vez no Brasil, desde que como os homens fossem maiores de 21 anos e alfabetizadas; da eleição também surgiram os nomes dos deputados que iriam elaborar a nova Constituição do Brasil, finalizada em 1934 e que trazia, além da primeira mulher a ser eleita no Brasil, a eleição indireta de Vargas para um mandato de quatro anos, e as seguintes alterações:

- O Estado não poderia interferir tanto nos estados, como desejava Getúlio, apenas em assuntos econômicos e sociais;
- O direito a voto agora seria de homens e mulheres maiores de 18 anos;
- Foram incorporadas as leis do trabalho e criada a Justiça do Trabalho, que deveria fiscalizar o cumprimento das leis;
- As eleições para: Presidente, Governadores e Prefeitos seriam diretas, no entanto, em caráter de emergência seriam realizadas em um primeiro momento de forma indireta, como acabara de ocorrer na eleição de Vargas;
- Os mandatos seriam de quatro anos, sem possibilidade de reeleição.

O presidente Vargas, no entanto, ficou muito descontente, especialmente com a última determinação da nova Constituição e por isso afirmou: “Serei o primeiro revisor da Constituição”. É importante colocar que ainda em 1932 foram criados dois movimentos que virão a ser de grande importância para os próximos momentos a serem tratados, o primeiro era a Ação Integralista Brasileira (AIB) liderada por Plínio Salgado; era um movimento inspirado nos moldes do fascismo italiano, conduzido por um nacionalismo e moralismo extremados e que se opunha fortemente ao comunismo, apoiando assim de início o governo Vargas.

O outro movimento foi a Aliança Nacional Libertadora (ANL), criado como opositor aos regimes nacionalistas, a ANL foi desde seu início um movimento de forte oposição ao Governo Vargas, já que era composto por socialistas, liberais desiludidos e comunistas, seu líder Luís Carlos Prestes. Criado em julho de 1930 e colocado na ilegalidade

²⁰ Nesse momento Getúlio já procurava se relacionar beneficentemente com as forças políticas de cada estado, no entanto, tomando medidas que também reforçavam seu poder e autonomia, como chama a atenção Pandolfi.

²¹ Outra das conquistas, já que até então as eleições estavam sujeitas ao chamado “Voto de Cabresto”.

pelo governo em Agosto do mesmo ano, a AIL procurou organizar um levante que objetivava derrubar Vargas, mas, ocorreu uma falha no plano: os revolucionários contavam com o apoio maciço dos operários, o que não aconteceu, permitindo o governo contra-atacar rápido e violentamente e ainda iniciasse uma forte repressão contra os comunistas, e todos considerados opositores do regime, conforme aponta Pandolfi:

O primeiro levante militar foi deflagrado no dia 23 de novembro na cidade de Natal. No dia seguinte, outra sublevação militar ocorreu em Recife. No dia 27, a revolta eclodiu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Sem contar com a adesão do operariado e restrita às cidades de Natal, Recife e Rio de Janeiro, a rebelião foi rápida e violentamente debelada. (PANDOLFI in FERREIRA & DELGADO, 2006, p. 32).

O Governo Constitucional (1934 – 1937) foi iniciado sobre a esperança de um retorno a democracia e essa esperança transcorreu sob forte crença até que em 1935 uma nova tentativa de rebelião, denominada pelos próprios comunistas como a Intentona, fosse realizada, esta embora com menos fervor e violência do que as anteriores permitiu que o presidente Vargas alcançasse junto ao Congresso a aprovação de sucessivas medidas que em 1937 lhe permitiriam o golpe:

- A primeira delas foi a de que a cada nova manifestação que viesse a ameaçar as instituições políticas e sociais, o país entraria em um “estado de guerra” (Conforme PANDOLFI in FERREIRA & DELGADO, 2006, p. 33);
- A segunda foi a aprovação da Lei de Segurança Nacional. Diante das várias greves que ocorriam, o Congresso aprovou esta lei, que ia contra alguns pontos presentes na Constituição de 1934, permitindo a censura de meios de comunicação e a prisão daqueles que praticassem indisciplinas nas forças armadas,
- E ainda os sindicatos que fossem considerados suspeitos poderiam ser fechados.

Claramente os liberais estavam voltando atrás diante das movimentações da população, diante disso, Vargas solicitou ao Congresso que seu mandato fosse prorrogado, sob a argumentação de que o “país estava ameaçado pela desordem interna” (PANDOLFI in FERREIRA & DELGADO, 2006, p. 33). No entanto, mesmo com a *ameaça eminente* o Congresso não aprovou o pedido; Getúlio procurou sondar quais governadores estavam de seu

lado: os de São Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Bahia, estavam contra sua permanência; apenas o de Minas Gerais, Benedito Valadares, de todos os sondados, o apoiava, Getúlio acabou se afastando deles, e procurou junto de sua cúpula de poder, encontrar um meio de se manter na presidência.

Durante o início de 1937, a Campanha para sucessão de Vargas teve início; os nomes selecionados pelos partidos foram: Armando Sales pelo partido Constitucionalista, Plínio Salgado pelos Integralistas e José Américo de Almeida candidato do governo, teoricamente apoiado por Getúlio. Teoricamente porque após o Congresso negar a continuidade de “estado de guerra” em julho daquele ano, o Governo realizou a divulgação de um plano denominado Cohen e que seria uma possível tentativa de revolução Comunista, o que propiciou ao Congresso a autorização de um retorno ao “estado de guerra”; era tudo o que Getúlio Vargas desejava, a partir dali o caminho estava aberto. Embora algumas minorias contestassem a veracidade do plano Cohen, e o agregassem a um possível plano bolado por Getúlio para impedir as eleições. Mesmo assim, o pedido foi aprovado, pois, acreditava-se que “caso a medida não fosse aprovada, o Exército fecharia o Congresso”. (PANDOLFI in FERREIRA & DELGADO, 2006, p. 34).

Dulci Pandolfi chama a atenção para o fato de que neste momento se instalou uma política de sucessórias autorizações da oposição, por medo do comunismo e de também uma possível intervenção militar. Capelato vai além e nos explica que

Os liberais apoiaram as medidas de exceção adotadas pelo governo sob alegação de que o combate ao comunismo era a prioridade do momento; tais medidas acabaram por fortalecer o poder do governante, que, em 1937, liberou o golpe promotor do Estado Novo, que dissolveu o Congresso e outorgou nova Constituição à nação. (CAPELATO in FERREIRA & DELGADO, 2006, p. 116).

Como dito, o caminho para Vargas estava aberto e em um primeiro momento foram enviados certos “emissários” com objetivo de conseguir o apoio para os próximos passos, como era de se esperar os estados mais fracos apoiaram o presidente, enquanto Bahia, Pernambuco, São Paulo e Rio Grande do Sul, acabaram por se aliar ao governo, após algum tempo. Por fim em 10 de novembro de 1937, o país foi tomado por um novo regime, o Congresso foi fechado, e Getúlio se manteve no comando do Brasil, nascia ali o Estado Novo. Antes de iniciar uma reflexão sobre este período temos de chamar a atenção para a fundação da Rádio Nacional em 1936, que viria a permitir que a população pela primeira vez, se

sentisse próxima de seu líder, por meio, de alguns pronunciamentos e pelo programa *A Hora do Brasil*.

O período conhecido como Estado Novo (1937 – 1945) teve seu início, como dito anteriormente, após um golpe de Estado, arquitetado pelo próprio presidente e seus generais; o Congresso foi fechado e Vargas passou a governar por meio de decretos-lei, além de novamente promover uma centralização do poder em torno de sua figura, e acima de tudo, procurando sufocar as vozes daqueles que fossem contrários ao seu governo; para tal a primeira medida foi o fim de todos os partidos políticos, entre eles a própria AIL, que tanto lhe apoiou.

Já que o Congresso não mais existia e nem mesmo os partidos políticos, o contato das massas com o governante começou a ser mais simples e próximo. Getúlio retirou do poder todos os Governadores, com exceção de Benedito Valadares, e os substituiu por interventores, novamente homens de confiança que “reproduziam nos estados a política determinada pelo governo central” (CAPELATO in FERREIRA & DELGADO, 2006, p.117). Como prova de que o Brasil iria entrar em um avanço conjunto e de que o nacionalismo, o amor pelo país deveria ser a partir daquele momento a base de sustentação brasileira; nesse propósito, foi organizada uma cerimônia que entrou para a história: *A queima das Bandeiras*, neste ato público Vargas ordenou que fossem queimadas as bandeiras de todos os estados e restasse apenas uma, a bandeira nacional. Capelato define bem qual era o objetivo daquele ato: “marcar a vitória do poder central sobre os estados”. (CAPELATO in FERREIRA & DELGADO, 2006, p.117).

No transcorrer da Segunda Guerra Mundial, o governo Vargas procurou de início manter um bom relacionamento tanto com as forças do Eixo, representadas principalmente no mercado de exportação pela Alemanha, bem como com os Aliados, representados pelos Estados Unidos da América. Para isso em alguns momentos Vargas se colocava a favor dos países integrantes do Eixo, como por exemplo, em seu discurso pronunciado em 1940, quando elogiou os sucessos atingidos pelas tropas nazistas, em outros momentos se colocava ao lado dos Aliados, tudo isso procurando tirar o maior proveito possível do conflito.

Diante de suas políticas nacionalistas, muitos acreditavam que Getúlio acabaria entrando como aliado das forças do Eixo, no entanto, devido à proximidade dos EUA e também da entrada deste na guerra em 1942, após os ataques de Pearl Harbor, Vargas passou a se aproximar mais das forças aliadas. No entanto, a entrada do Brasil somente ocorreu

diante de quatro fatores: primeiro a derrota alemã na Rússia; segundo as pressões norte-americanas; terceiro uma ordem de bombardeio alemã a navios brasileiros, diante da posição diplomática tomada pelo Governo Brasileiro em uma conferência no Rio de Janeiro em 1942, onde ficou decidido o rompimento de relações com todas as nações do eixo; e por fim as manifestações populares exigindo a entrada do Brasil na Guerra, diante dos bombardeios alemães. Após isso, o governo enviou cerca de 25 mil soldados, que auxiliaram os Aliados a vencerem os regimes ditatoriais na Europa.

Após o fim da guerra em 1945 e o retorno dos soldados o governo se encontrou diante de um novo problema: os homens que haviam lutado na Europa, tinham enfrentado países com regimes ditatoriais, e chegaram ao Brasil com mudanças em seus pensamentos; eles não mais aceitavam ser governados por um “ditador”; para eles a imagem de Vargas havia mudado, pois, como aponta Capelato “além da contradição político-ideológica, a entrada do Brasil na guerra tornou mais difícil a vida dos brasileiros” (CAPELATO in FERREIRA & DELGADO, 2006, p. 136). Aqui os opositores finalmente encontraram forças; eram eles: estudantes, professores e alguns políticos, que começaram a exigir o fim do governo ditatorial de Vargas e a redemocratização do Brasil.

Diante disso, Getúlio decidiu por fim à censura de imprensa, anistiou presos políticos e por fim convocou uma nova Constituinte; depois disso surgiram novos partidos políticos, entre eles: a União Democrática Nacional (UDN), o Partido Social Democrático (PSD), o Partido Comunista do Brasil (PCB) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). A partir daí os defensores do regime se levantaram sob a alegação de que a oposição desejava o fim do regime, e estavam certos, já que os opositores, como cita Capelato, “reconheciam que o chefe do governo promovera o progresso material dentro da ordem, mas não soubera conciliar a ordem com a liberdade” (CAPELATO in FERREIRA & DELGADO, 2006, p. 138). Até mesmo o General Góis Monteiro se mostrou a favor da redemocratização e diante de tamanha oposição crescente, Getúlio “concedeu a democracia aos brasileiros” (CAPELATO in FERREIRA & DELGADO, 2006, p. 138), assinando um Ato Adicional, e estabelecendo as eleições para sucessão presidencial.

Depois de oito anos, o Brasil novamente se agitava diante de uma campanha de sucessão presidencial. Foram lançados dois nomes pela UDN, o nome do Brigadeiro Eduardo Gomes e pelo PSD, o general Eurico Gaspar Dutra. Getúlio foi convidado a assumir a presidência tanto do PSD, e conseqüentemente apoiar a campanha de Dutra, como do PTB;

era claro o prestígio que o líder detinha com o povo, e os partidos desejavam se aproveitar dele; surpreendentemente o próprio Luís Carlos Prestes, em Assembleia do Partido Comunista, lançou uma campanha denominada “Constituinte com Getúlio”.

O apoio do PCB ao governo Vargas consistiu em um dos fatos mais controvertidos daqueles anos. Ele se explica por características do PCB e sobretudo pela orientação vinda de Moscou. Aí se traçou a diretiva de que os partidos comunistas de todo o mundo deveriam apoiar os governos de seus países, integrantes da frente antifascista, fossem eles ditaduras ou democracias. O Brasil não só entrou na guerra contra o Eixo como, em abril de 1945, estabeleceu relações diplomáticas com a União Soviética, pela primeira vez em sua história. Saindo da cadeia pouco após o estabelecimento de relações com a União Soviética e em consequência da decretação da anistia, Prestes confirmou o que o partido já decidira sob sua influência. Era preciso estender a mão ao inimigo da véspera, em nome das “necessidades históricas”. (FAUSTO, 2006, p. 385 – 386).

O autor Jorge Ferreira apresentou em 2007 um ensaio intitulado *A democratização de 1945 e o movimento queremista*, onde trabalha o movimento que ocorreu a seguir, o *queremismo*. Por meio deste, com o apoio do PTB, do PCB e principalmente de alguns sindicatos, as massas se mobilizaram para defender o presidente Vargas diante dos movimentos que exigiam sua saída do poder.

Os oradores, com veemência, davam vivas à democracia e pediam a morte do Estado Novo e do ditador. Após ofender e insultar Vargas com linguagem contundente, Rui Nazareth, presidente do Centro Acadêmico, declarou: “Trabalhadores e estudantes de São Paulo, avante! Pela Democracia!”. No entanto, para grande surpresa dos manifestantes, centenas de pessoas de aparência humilde, mas profundamente indignadas, chegavam à praça e, batendo em panelas, começaram a vaiar os jovens universitários. Sem se intimidar, o orador lembrou a derrota do integralismo naquele mesmo local e, cheio de coragem, aumentou o tom dos ataques a Getúlio Vargas. Os trabalhadores, ainda mais revoltados, tornaram a bater nas panelas e, aos gritos, exclamaram: “Abaixo o P.R.P.!” , “Viva os trabalhadores!” e, surpreendentemente, “Nós queremos Getúlio!”. (FERREIRA in FERREIRA & DELGADO, 2007, p. 17).

Nascia ali o movimento que ficou conhecido com *Queremismo*. Diante destes acontecimentos, os adversários de Vargas temendo um novo golpe se adiantaram e, em 29 de outubro de 1945, puseram um fim ao mais longo período de um presidente no Brasil; por meio de um golpe militar os generais Góis Monteiro e Eurico Gaspar Dutra, depuseram o presidente Vargas, encerrando o Estado Novo.

Após a queda de Getúlio, os militares e a oposição liberal, com a concordância dos dois candidatos a presidência da República, decidiram entregar o poder transitoriamente ao presidente do Supremo Tribunal Federal, José Linhares. (FAUSTO, 2006, p. 397).

Getúlio reuniu suas coisas e retornou a São Borja, onde permaneceria na maior parte de seu tempo até sua eleição como Senador e seu posterior retorno como presidente eleito em 1951.

3. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA DE GETÚLIO VARGAS

No capítulo anterior, vimos à longa trajetória percorrida por Vargas até sua ascensão política como presidente do Brasil. Nesse tópico do trabalho, o objetivo é analisarmos especificamente algumas questões: de que modo conseguiu conquistar como poucos o carinho e admiração de expressiva parcela da população? Até que ponto o ex-presidente conseguiu atingir o âmbito da fidelidade dessas massas? Que sucessos Vargas obteve no quesito de moldar a simpatia desses estratos sociais, fazendo com que esses chegassem a exaltá-lo de tal forma que aparentemente poderiam forçar os “anti-varguistas” a aceitar a permanência do presidente no poder? Para tal iniciemos nosso capítulo, buscando entender um pouco a metodologia que aplicaremos ao estudo desses aspectos.²²

3.1 MECANISMOS DE CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE VARGAS

O livro de Peter Burke intitulado *A Fabricação do Rei* - será tomado como ponto de partida metodológico no desenvolvimento desse item. Burke é responsável por apresentar Luís XIV como o primeiro líder a se preocupar com uma propaganda política que se aproveitasse do imaginário popular, para fortalecer seu governo.

Não obstante abordar um período histórico bastante distinto daquele em que se concentra a abordagem do presente trabalho, as perspectivas usadas por Burke podem ser tomadas como base graças ao método aplicado pelo autor, em que não apenas discorre sobre como era difundida a imagem de Luís, mas também insere outras instigantes questões, como: a quem a propaganda sobre o rei se destinava? Que comparações se pode fazer entre o rei e alguns de seus contemporâneos? Em que medida essa propaganda do monarca era algo novo para a época?

Por esses aspectos se percebe a importância da obra de Peter Burke para este trabalho, especialmente quando se procura entender: como Vargas se utilizava da propaganda para alcançar a admiração das massas?

Claramente, deveremos tomar o devido cuidado para não cometer anacronismos, pois, alguns aspectos não podem ser diretamente aplicados em relação ao que ocorre com a

²² O trabalho de Peter Burke, *A fabricação do Rei*, será referência de análise metodológicas dessas questões, a partir das fontes, aliado aos trabalhos de Maria H. Capelato, *Multidões em Cena*, e de Jorge Ferreira, *A democratização de 1945 e o movimento queremista*.

imagem do “Rei Sol”²³, no entanto, vários conceitos utilizados por Burke em seu trabalho podem ser redirecionados na análise da imagem pública de Getúlio Vargas. Por exemplo, mesmo na época não tendo à sua disposição os meios de comunicação em massa de que dispôs o ex-presidente, o rei francês encontrou meios de promover seu governo em busca de uma glorificação de sua imagem, aproveitando-se do imaginário popular. Luís XIV cercou-se de inúmeros artistas, escritores, poetas, artesãos, cientistas, e até historiadores, que foram patrocinados com o objetivo de criarem biografias, medalhas, estátuas, peças teatrais, entre outras produções, que deveriam demonstrar, não apenas às mais diversas camadas da população francesa, mas também aos povos/monarcas vizinhos, o “mito” denominado Luís. (BURKE, 1992, p. 17-19). E não teria Vargas, o presidente, feito algo semelhante?

Getúlio formou um Departamento de Imprensa e Propaganda, que era responsável por difundir propagandas que fossem de acordo com seu governo e por vetar as contrárias; este era um departamento destinado a exaltar seu governo, por trabalhar a imagem de seu líder. Foi Getúlio o presidente que se cercou de estudiosos, de jornalistas como Assis Chateaubriand, que trabalharam para gerar entorno de seu governo uma “aura” de ordem e progresso.

Luís XIV é apresentado por Burke como um homem que soube se portar de forma diferente, que se preocupou não apenas em viver como um rei, mas principalmente por se cultuado como mais do que um rei, como a representante de Deus na Terra. No decorrer de seu trabalho, o autor aponta momentos em que Luís deixou sua marca, como por exemplo, circunstâncias nas quais outros monarcas participavam de rituais “simples” ou convencionais, o rei francês desenvolvia celebrações grandiosas, que além de impressionarem a todos, deixava-os marcados com a grandiosidade de seu rei: “Em 1643, para celebrar sua subida ao trono, ele fez uma entrada solene em Paris.” (BURKE, 1992, p.52).

Para tal ainda cabe um trecho do trabalho de Lilia K. Moritz Schwarcz:

Senhor de um ritual cujo controle é por princípio impecável, o monarca transforma seu exercício diário numa grande dramatização, equilibrando-se no poder por meio da concessão alargada e programada de títulos, medalhas e privilégios. Dádivas que carregam a imagem do líder, esses rituais de consagração da monarquia acabam ajudando a cultivar e estender a própria

²³ Título aplicado a Luís XIV, e que foi fortemente difundido em seus 72 anos de governo, por sua “comissão” de artes.

personalidade do rei, que dessa forma paira muito acima de seus súditos. (SCHWARCZ, 2000).²⁴

Getúlio não se colocava de maneira muito diferente. Em 1º de maio de 1951, ano em que se tornou presidente eleito por voto popular, assim como havia ficado marcado no decorrer de seu primeiro governo, fez uma entrada triunfal no estádio de São Januário, na cidade do Rio de Janeiro. Tal entrada é uma boa demonstração acerca dos mecanismos empregados no governo Vargas.

Em outro momento, Peter Burke demonstra certa preocupação em apontar qual era o objetivo das obras e propagandas durante o reinado de Luís – mecanismos como: os gestos e símbolos dos quais o então presidente também se utilizou. Também é possível demonstrar qual o público a que se destinavam os discursos anuais de Vargas no 1º de maio.

Deste modo, o governo Vargas trabalhou em torno do imaginário popular, buscando demonstrar às diversas camadas sociais as “grandes características” de seu líder, conquistando por meio de propagandas e censuras, a aceitação das massas às mais variadas decisões de seu líder. Certamente, o grande responsável por essa aceitação foi o líder, que procurava se portar de uma maneira fraterna, dando ao povo a impressão de uma proximidade.

A propaganda política enfatiza a busca de harmonia social e a eliminação dos conflitos. As mensagens indicavam a construção de uma sociedade fraterna, via Estado, e com base nessa utopia se criou a imagem da “sociedade em festa”, coesa e unida em torno do líder. (CAPELATO, 2009, p. 67).

Quando fala em propaganda, Capelato não se refere apenas aos recursos de rádio, jornal e revista aos quais Vargas se utilizou, ela procura também remeter aos discursos pronunciados pelo presidente. Durante o primeiro capítulo, procuramos demonstrar como Getúlio Dornelles Vargas, não foi “um homem qualquer”, que simplesmente surgiu para a história do Brasil, no decorrer das eleições de 1930 e que se tornou presidente do país, apenas por sua participação na revolução de 1930.

Como visto, no primeiro capítulo, Vargas era um homem que sabia se atentar aos mínimos detalhes dos acontecimentos, para se beneficiar deles, por exemplo, quando assumiu a pasta de ministro da Fazenda, durante o governo de Washington Luís. Acima disto, Getúlio

²⁴ Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012000000100010&script=sci_arttext> Acesso em 23/06/2013.

era um excelente orador; inúmeros foram os episódios nos quais por meio de suas palavras, conquistou apoios, inimigos e apaziguo desentendimentos, e foi talvez esta sua qualidade com as palavras, que lhe permitiu conquistar tão bem as massas.

Em seu discurso proferido na ocasião do primeiro de maio de 1938, Vargas se utiliza de algumas expressões que servem como base para compreendermos como sua experiência com as palavras lhe era muito útil. No decorrer de seu discurso, o presidente demonstra sutilmente a preocupação em conquistar o grande público, fazendo com que estas compreendessem a importância do trabalho e principalmente dos trabalhadores:

Operários do Brasil: No momento em que se festeja o “Dia do Trabalho”, não desejei que esta comemoração se limitasse a palavras, mas que fosse traduzida em fatos e atos que constituíssem marcos imperecíveis, assinalando pontos luminosos na marcha e na evolução das leis sociais do Brasil. Nenhum govêrno, nos dias presentes, pode desempenhar a sua função sem satisfazer as justas aspirações das massas trabalhadoras. (Pausa). Podeis interrogar, talvez: Quais são as aspirações das massas obreiras, quais seus interesses? E eu vos responderei: A ordem e o trabalho! (Trecho do discurso proferido por Getúlio Vargas, em primeiro de maio de 1938).

Pelo momento que vivia o país, Vargas precisava do apoio das massas, necessitava que o povo, apoiasse o regime, e ele sabia que as massas lhe dariam a sustentação necessária para a manutenção do Estado Novo, por isso, em seus discursos não apenas escolhia minuciosamente as palavras, mas acima disso, proferia seu discurso de um modo para que aqueles que viessem a lhe escutar acreditassem que aquele líder apenas almejava o avanço do Brasil e sobretudo a felicidade da população.

Vargas não deixava apenas a impressão de ser um chefe de Estado preocupado com seu povo, mas acima de tudo, deixava a impressão de que sabia exatamente do que o povo necessitava, e principalmente como conceder:

A leitura que se fazia de toda a obra governamental de Getúlio Vargas era a de uma obra antecipatória, só explicável pela clarividência do chefe de Estado. [...] Vargas, em 1931, renunciara a necessidade de modernização das Forças Armadas; em 1933, renunciara a política de boa vizinhança; em 1935 e 36, prognosticara a política defensiva de nosso continente e o papel internacional do país, quando só em 1939 eclodiu a guerra. (BMTIC, n. 110, outubro de 1943, pp. 335-7 apud GOMES, 1994, p. 204).

Através de suas palavras, o presidente ainda tentava mostrar ao povo a preocupação com o desenvolvimento da pátria, por meio de um discurso repleto de nacionalismo; em um segundo momento de seu pronunciamento em 1938, Getúlio afirma:

Em primeiro lugar, a ordem, porque na desordem nada se constrói; porque, num país como o nosso, onde há tanto trabalho a realizar, onde há tantas iniciativas a adotar, onde há tantas possibilidades a desenvolver, só a ordem assegura a confiança e a estabilidade. O trabalho só se pode desenvolver em ambiente de ordem. (Trecho do discurso proferido por Getúlio Vargas, em primeiro de maio de 1938).

Podemos verificar que o presidente desejava que o povo sentisse a necessidade de união, confiança, para que a nação se desenvolvesse em ordem e trabalho, ou seja, Getúlio estava confiando às massas, o poder de manter a ordem e acima de tudo trabalhar em busca do progresso do país, e ele seria o líder a guiá-los até este objetivo. É possível ainda notar diversas pausas estratégicas, que o próprio presidente incluiu em seu texto original, as quais ele se habituou a executar, para que os ouvintes pudessem “absorver” suas palavras e “agradecê-lo”.

Após o episódio de queima das bandeiras – mencionado no primeiro capítulo desse trabalho – o presidente procurou legitimar seu governo; e como dito anteriormente, uma das primeiras ações era silenciar a oposição, para que ficasse mais tranquila a sua relação com as massas, sem que existissem outras vozes, tentando controlar o povo. Para tal, seu governo expressou um forte controle em diversos setores, onde suas principais armas foram: a propaganda política²⁵ e a repressão aos opositores; essas armas impediam que os contrários ao regime ganhassem força e principalmente adeptos. Deste modo, para a boa execução do mecanismo de propaganda política, bem como para a repressão, Vargas se utilizou de alguns fatores importantíssimos.

Primeiro foi criado o DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda. Órgão que era responsável por elaborar as propagandas em prol do regime, procurando elevar a figura pública do presidente Vargas, aliando-a a um nacionalismo extremado e uma imagem de avanço do Brasil, bem como órgão responsável por exercer a censura em todos os veículos de comunicação da época: Revistas, Jornais, Rádio, Propaganda e cinema, impedindo publicações que atacassem o Regime ou a figura do presidente. Em relação a esse mesmo aspecto, Capelato ainda acrescenta:

²⁵ Tema muito bem abordado por Maria Helena R. Capelato em seu livro: *Multidões em cena: propaganda Política no Varguismo e Peronismo*.

Os periódicos acabaram sendo obrigados a reproduzir os discursos oficiais, a dar ampla divulgação às inaugurações, a enfatizar as notícias dos atos do governo, a publicar fotos de Vargas: 60% das matérias publicadas eram fornecidas pela Agência Nacional. Havia íntima relação entre censura e propaganda. (CAPELATO, 2009, p.86).

Um segundo aspecto foi o já citado uso da *Rádio Nacional*, do programa *A hora do Brasil*, e dos periódicos como meios de reafirmar o regime - ressaltando-se que na época o rádio, o jornal e as revistas eram os meios de comunicação mais utilizados no país, e a Rádio Nacional tornou-se líder de audiência, devido sua divulgação dos valores nacionais. Capelato chama a atenção para o papel do presidente e a maneira como eram utilizados os meios de comunicação durante o Estado Novo:

O chefe do Estado Novo propôs-se a estabelecer relação direta com as massas e a levar em conta suas aspirações para ganhar-lhes o apoio. Norteado por essa preocupação, o governo erigiu a imprensa em órgão de consulta dos anseios populares. Durante o regime autoritário, os meios de comunicação cumpriram esse papel: além disso, divulgaram as atividades e qualidades do chefe e de seus auxiliares com o objetivo de que fossem tomados como modelo de virtudes pelos cidadãos. (CAPELATO, 2009, p. 86).

Com a criação do DIP e do programa *Hora do Brasil*, surgiu uma grande oportunidade para o trabalho dos aliados de Vargas, que souberam realizar como ninguém a propaganda política da qual necessitava o presidente, e dentre esses gostaríamos de destacar o já citado Assis Chateaubriand, responsável pela revista *O Cruzeiro*; os editores e jornalistas do jornal *A Manhã* e o ministro Alexandre Marcondes Filho.

Escolhido em 1941 pelo presidente para ocupar o cargo de ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, o paulista Marcondes Filhos, teve grande importância para o desenvolvimento da propaganda política durante o Estado Novo, pois, o ministro era o responsável por realizar semanalmente no programa *Hora do Brasil*, palestras que tinham como objetivo esclarecer aos trabalhadores de norte a sul do Brasil, os direitos sociais que haviam recebido. (GOMES, 1994, p.196).

As palestras de Marcondes detinham, como aponta Ângela de Castro Gomes (1994, p. 195-209), uma grande preocupação em atingir o maior número possível de trabalhadores, para tal, o rádio novamente foi o meio determinado para que as palestras fossem pronunciadas e “no dia seguinte ao seu pronunciamento, portanto todas as sextas-feiras, o jornal oficial do Estado Novo – *A manhã* – publicava o texto, que assim podia ser

mais bem fixado pelo público”. (GOMES, 1994, p. 195). Além disso, Castro Gomes chama a atenção para a preocupação do ministro não apenas em situar a população, mas de repassar à mesma, a importância da legislação social de maneira clara e simples, para que todos pudessem compreender como de fato ela era. (GOMES, 1994, p. 197). A isto se acrescentam as seguintes palavras de Capelato:

Embora o regime não tivesse seguido à risca esse modelo de persuasão das massas, os encarregados da propaganda procuraram aperfeiçoar-se na arte de empolgação e envolvimento das “multidões” por meio de mensagens políticas. (CAPELATO, 2009, p. 78).

E se existe algo que o governo Estado Novista praticou incansavelmente por meio destas propagandas foi o culto ao trabalho. Já em 1930, quando ainda no início do Governo Provisório, foram realizadas medidas que objetivavam retirar o Brasil da crise, provinda principalmente do setor cafeeiro em consequência do *Crash* da Bolsa de Nova Iorque; diante disso, Vargas iniciou o desenvolvimento de uma imagem clara: bom brasileiro é brasileiro trabalhador, e foi durante o Estado Novo, que o presidente mais investiu nesta imagem, já que para seu plano de desenvolvimento do Brasil ter sucesso, seria necessário que *todos trabalhassem*.

Ângela de Castro Gomes deixa claro que o papel do ministro Marcondes foi de fundamental importância, no decorrer do Estado Novo, pois, este não apenas demonstrava ao povo a importância da legislação trabalhista, mas também lhes chamava a atenção para a maneira como o Brasil a tinha conquistado: “Por não ter sido conquistada ao longo de uma epopeia de lutas, e sim outorgada pela sabedoria do Estado, essa legislação exigia divulgação e esclarecimentos” (GOMES, 1994, p.196). O ministro, acima de tudo, procurava demonstrar que era como os ouvintes um trabalhador, seu objetivo ali era de promover o governo Vargas:

A propaganda devia alcançar seu público justamente na medida em que lhe demonstrava seu valor, sua capacidade e também sua proximidade com o emissor da mensagem. Marcondes, em inúmeras ocasiões, identificava-se não como o ministro, mas como um “proletário intelectual” que apenas executava um tipo determinado de trabalho naquele momento. (GOMES, 1994, p. 200).

Diante de sua característica nacionalista/trabalhista, o Governo investiu fortemente na indústria interna e criou companhias como: A Companhia Vale do Rio Doce, A Fábrica Nacional de Motores, A Companhia Siderúrgica Nacional de Volta Redonda, a Companhia Hidrelétrica de São Francisco, entre outras, com o intuito de intervir diretamente

nos setores de produção, gerar mais empregos e desenvolver o Brasil, transformando-o em “um país desenvolvido no ponto de vista econômico”. (CAPELATO in FERREIRA & DELGADO, 2006, p.119). Como citado anteriormente, o governo Vargas chegou a enfrentar certa resistência diante das lideranças sindicais, principalmente durante o período do governo Provisório, no entanto, diante de suas políticas trabalhistas, da obrigação de registro dos sindicatos junto ao Governo e sua pertinente preocupação em desconstruir a imagem de um povo malandro e constituir a de um povo trabalhador, essas resistências foram desaparecendo e enfraquecendo, chegando a ficar adormecidas durante quase todo o período do Estado Novo.

Presidente muito conhecido por ter promulgado a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), Getúlio o fez interessado em alguns pontos: primeiro satisfazer a população, embora como pensado por Maria Capelato, o salário mínimo instituído em 1942, fosse *insuficiente para o sustento de suas famílias*; e um segundo ponto, foi o objetivo de retirar a autonomia que esta classe detinha, possibilitando um maior controle do Estado sobre a categoria. Para tal foi também criado outro contexto, o de sindicato único, o qual seria controlado pelo Ministério do Trabalho e que conseqüentemente retiraria qualquer possibilidade legal de manifestações de oposição contra as medidas do Regime. Este fato dividiu ainda mais a classe trabalhadora, pois, uma grande maioria sentiu-se feliz com tudo que o presidente vinha realizando por sua classe e uma minoria ainda tentou reagir; estes receberam todo o peso da forte repressão, chegando a serem presos, torturados ou exilados durante o Estado Novo. Diante deste ponto, abramos um parêntese nas palavras de Capelato:

A relação dos trabalhadores com o governo era complexa e, por isso, gera muitas controvérsias entre os interpretes desse período. Para alguns autores, a atuação de Vargas foi benéfica para os trabalhadores, mas outros salientam o caráter autoritário dessa política que resultou na impossibilidade de atuação independente desse setor social. (CAPELATO in FERREIRA & DELGADO, 2006, p. 120-121).

Essa relação de complexidade com os trabalhadores foi um dos fatores que motivaram fortemente a propaganda durante o Estado Novo, onde

Getúlio Vargas era seu personagem central, e desde este ano²⁶ até 1944 o empreendimento não cessou de crescer. Festividades, cartazes, fotografia, artigos, livros, concursos escolares, e toda uma enorme gama de iniciativas foi empreendida em louvor do chefe do Estado Novo. Seu nome e sua

²⁶ Em trecho anterior a autora chama atenção para o fato de que Vargas, apenas começou a ser projetado como verdadeiro “líder” em 1938, após o golpe que iniciou o Estado Novo.

imagem passaram a partir daí a encarnar o regime e todas as suas realizações. (GOMES, 1994, p. 203).

Peter Burke em seu trabalho aponta para o fato de que Luís queria que seus súditos lhe tivessem como o *Rei Sol*, como alguém incontestável, e esse era o motivo principal de toda propaganda em torno de sua figura. Getúlio não é muito diferente: toda a propaganda, os desfiles, os pronunciamentos e as festividades, eram voltados em convencer a população de sua importância para o futuro do Brasil e principalmente do grande chefe a quem tinha sido confiado o Estado. Vargas tinha como objetivo conquistar a confiança das massas, para que suas decisões não sofressem questionamentos, e caso ainda assim, algum trabalhador decidisse lhe questionar, sofreria repressões:

Nesse contexto, é fundamental ressaltar que todo esse esforço de propaganda e apelo políticos, dirigido especialmente aos trabalhadores, era feito *pari passu* à decretação de uma série de leis que, respondendo às pressões dos industriais (em particular dos têxteis), suspendia a vigência de diversos direitos trabalhistas. Em agosto de 1942, por exemplo, o governo decretou a restauração da jornada de dez horas de trabalho, proibindo a utilização do instrumental legal capaz de contestar tal medida, sob argumento do “*estado de guerra*”. Em outubro do mesmo ano, outro decreto suspendia o direito de férias em todas as indústrias consideradas essenciais à segurança nacional. [...], o que transformava literalmente seus empregados em “*desertores*” em caso de falta e desistência do emprego. (GOMES, 1994, p. 208).

Cabe ressaltar que, como citado anteriormente, as festividades também eram uma das ferramentas utilizadas por Vargas para conquistar as massas. Três foram de fundamental importância: o aniversário do presidente, o aniversário do Estado Novo e o Dia do Trabalhador. E o ministro Marcondes era peça chave para que os trabalhadores que não podiam participar destas festas soubessem delas, e as aguardassem ansiosamente (GOMES, 1994, p.201) e com isso, não apenas os moradores do Rio de Janeiro passaram a aguardar o Primeiro de Maio de cada ano, pois, devido ao comportamento carismático de Vargas, a forte propaganda e repressão realizadas pelo DIP e também ao programa de Marcondes,

[...] o Dia do Trabalho passou a assumir certos contornos rituais, Era sempre uma comemoração de massas, na qual o presidente em pessoa se encontrava e falava com os trabalhadores. Mais do que isto, era uma data que passou a ser aguardada pelos trabalhadores, já que era a ocasião em que se anunciava mais uma iniciativa governamental de peso no campo do direito social: o presente da festa. (GOMES, 1994, p. 201).

No discurso de 1938, não foi diferente, como verificado no trecho acima, Vargas, “presenteou” a população com a Lei do Salário Mínimo:

Por isso, a Lei do Salário Mínimo, que vem trazer garantias ao trabalhador, era necessidade que há muito se impunha. Como sabeis, em nosso país, o trabalhador, principalmente o trabalhador rural, vive abandonado, percebendo uma remuneração inferior às suas necessidades. (Trecho retirado do discurso proferido por Getúlio Vargas, em primeiro de maio de 1938).

O presidente ainda assumiu o compromisso de sempre o fazê-lo, ano a ano, no entanto, Ângela de Castro Gomes aponta ao fato de que Getúlio não estava apenas presenteando o povo; ele lhes concedia direitos, para conquistar as massas, e acima de tudo uma ferramenta que mais tarde poderia suspender para atender aos pedidos de outras camadas populacionais que estavam economicamente melhores posicionadas.

Da análise de um recurso audiovisual intitulado *Getúlio Vargas - Discurso do Dia do Trabalho de 1951*,²⁷ alguns aspectos nos chamam a atenção: já de início a maneira como a população lotou o estádio de São Januário²⁸; a entrada de Vargas, portando-se como um líder carismático, acenando a todo o povo, como se estivesse cumprimentando cada um dos trabalhadores ali presentes, como se agradecesse a cada um pelo voto recebido nas eleições passadas e executando uma “volta olímpica”, como se acabasse de conquistar um grande título esportivo; por fim, quando o presidente inicia seu discurso, não apenas se porta como um velho amigo, mas a população o acolhe de tal modo, saudando-o a cada pausa, ansiosa por seu novo presente.

No transcorrer deste discurso, o presidente volta ao mesmo tom e carisma apresentado no discurso de 1938, tratando a cada um dos presentes como trabalhadores/operários, mas acima de tudo como amigos, e a todo momento demonstra à população sua felicidade pelo retorno e sua preocupação “em promover as medidas indispensáveis ao bem estar dos trabalhadores” (VARGAS apud ARAÚJO, 2011, p.675).

Capelato trabalha em um dos capítulos de seu livro *Multidões em Cena*, a maneira como essas massas aguardavam ansiosamente pelas festividades, pelo contato com o líder:

A população chegava ao local das festas valendo-se de qualquer meio de transporte, indo inclusive, a pé. Para essas ocasiões se preparava um esquema especial de transporte e assistência médica. As pessoas aglomeravam-se nos locais, próximos Às comemorações, subindo em árvores, prédios, fazendo qualquer esforço para conseguir uma boa visão do espetáculo. (SCHEMES, 1995, p.11-13 apud CAPELATO, 2009, p. 70).

²⁷ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=BZ1I7L85Slw> >. Acessado em: 17/09/2013

²⁸ Até aquele período um dos maiores estádios do Brasil, com capacidade para aproximadamente 30.000 pessoas (conforme site oficial do clube Vasco da Gama) e o local que ficou marcado como o ponto de encontro anual, do povo com seu líder.

Como citado anteriormente, a fonte audiovisual nos permite ter um vislumbre do que aponta Capelato e é ela ainda quem nos remete, ao fato de que, não apenas o ministro Marcondes fazia grande propaganda das festas, mas também os jornais da época trabalhavam como engrenagens para que todos os trabalhadores pudessem ter certo contato e acima de tudo partilhassem do nacionalismo, do amor pelo Brasil e sentissem a si mesmos, como peças de fundamental importância para o funcionamento do país: “Os jornais varguistas, nas ocasiões festivas expressavam essas imagens de formas variadas: ‘a feição animada no centro da cidade’, ‘o grande entusiasmo popular’, ‘carinhosas manifestações’, ‘multidão vibrante’” (CAPELATO, 2009, p.70).

É importante também chamar a atenção para o fato de que, durante seu governo, Getúlio ainda conquistou um mecanismo de extrema importância para seu regime: as boas relações com a Igreja Católica. Devido ao fato de que esta era a religião da maioria da população, caso Vargas não mantivesse estas boas relações, esse segmento poderia se voltar contra seu governo, dificultando desta maneira o sucesso de toda a propaganda política do regime. Foi durante seu governo, por exemplo, que o Cristo Redentor (1931) foi construído.

Para melhor compreendermos como o governo agia, procurando conquistar as massas, façamos novamente uso das ideias de Ângela Castro Gomes, utilizadas por Capelato em seu trabalho *O Estado Novo: o que trouxe de novo?*

Segundo a autora, além da lógica material, o discurso estatal resgatava ideias, crenças, valores e autoimagem construída pelos próprios trabalhadores na Primeira República. O Estado não se mostrava apenas como produtor de bens materiais, mas também como articulador das demandas e tradições da classe operária, e os apresentava como seus – além de ressaltar os benefícios sociais como tendo sido generosamente concedidos pelo chefe do governo, o que, em troca, exigia reconhecimento e retribuição. (GOMES, 1988 apud CAPELATO, 2006, p. 121).

A fonte audiovisual nos permite também compreender que Getúlio estava cercado de uma comissão, semelhante à de Luís XIV. Seguindo ainda diretrizes metodológicas de Burke, que buscou demonstrar a maneira como o rei francês se portava diante de seu povo, é possível também verificar como o próprio Vargas se portava diante dos trabalhadores, e, por meio de escritos como os de Ângela Castro Gomes, podemos compreender o papel de aliados como o ministro do trabalho para a formação da imagem pública de Vargas:

As palestras de Marcondes certamente em muito contribuíram para tal divulgação, mas elas podem ser particularmente valiosas para o

entendimento de uma faceta especial desta construção: a de Vargas, “pai dos pobres” e líder das massas trabalhadoras. O ministro do Trabalho iria caracterizar um certo tipo de imagem do Presidente, e mais ainda um certo tipo de postura diante do povo trabalhador. (GOMES, 1994, p.203).

O trabalho de Burke deixa bem claro, que no caso de Luís, mesmo durante sua ausência tinha alguém ou algo para representá-lo: “Neste sentido, embaixadores, governadores de províncias e magistrados, eram todos representantes de Luís [...] Objetos inanimados também representavam o rei, em especial suas moedas” (BURKE, 1992, p.20). Deste modo, podemos compreender que a propaganda do rei atingiu, pelo menos durante parte de seu reinado, o objetivo de conquistar o carinho da população, fazendo com que estes o apoiassem mesmo em momentos de derrota. E Getúlio? Como o líder carismático realmente conquistou o apoio e o fascínio das massas? Como citamos no capítulo anterior, o movimento do “queremismo” seria ele uma prova do sucesso de Vargas? Este debate será também nosso objetivo a seguir.

3.2 AS IMAGENS QUE CONSAGRARAM PUBLICAMENTE A FIGURA DE VARGAS

Através dos esforços do DIP, de figuras como Assis Chateaubriand e o Ministro Marcondes e, evidentemente, do próprio Vargas, o presidente foi aclamado pelas massas, elites e jornalistas, por meio de várias imagens onde ficou conhecido como: o pai dos pobres, a mãe dos ricos, o construtor da nação, o patrono dos trabalhadores, o chefe do nacionalismo (ARAÚJO, 1997, p. 13). Por meio do trecho do discurso pronunciado em 1951²⁹, podemos verificar essa “relação íntima” das massas com o presidente.

Embora de períodos distintos, em ambos os discursos o ex-presidente Vargas se porta de uma maneira em certo ponto “afetiva” com os trabalhadores, procurando lhes demonstrar sua preocupação com eles, como um chefe que se preocupa com sua família. Muito provavelmente é por conta desta maneira de se portar que a população acolheu Getúlio como um pai, como um patrono, como alguém sempre preocupado em conquistar para os trabalhadores alguma novidade, ou seja, conceder a eles uma dádiva. No entanto, vemos certa diferença entre os discursos de 1938 e o de 1951, e se trata do momento em que o ex-presidente fala da oposição. Em 1938, Getúlio nem mesmo chega a citar os opositores, já que

²⁹ Embora o presente trabalho tenha como objetivo estudar a imagem de Getúlio Vargas, durante o período do Estado Novo, o discurso de 1951 se faz importante, por ser um dos poucos registros visuais de um pronunciamento do ex-presidente.

estes não detinham meios de lhe incomodar, visto que “os meios de comunicação, cerceados na liberdade de expressão, ficaram impedidos pela censura de externar suas opiniões, bem como de expressar opiniões alheias contrárias ao regime” (CAPELATO in FERREIRA & DELGADO, 2006, p. 118).

Mas em maio de 1951, o momento político era outro, pois, embora a população o tivesse devolvido ao poder, Getúlio detinha agora muitos opositores, já que não se encontrava mais em seu regime Estado Novista, e sim em um período democrático; o tom era de rancor com aqueles que lhe retiraram o poder; mas com o povo, com as massas o tom era de saudade e de gratidão³⁰. E já durante o período de candidatura, o agora Senador Vargas, apresentava sinais de descontentamento, pois,

No decorrer de sua campanha, Vargas deixara bem claro que sua candidatura não fora produto de qualquer arranjo partidário, mas sim decorrência de um desejo popular. Afirmava que tinha compromissos apenas com o povo e que o sistema partidário não se encontrava em condições de dar as respostas de que o país precisava. Acentuando sua relação direta com a massa, mostrava sua postura apartidária ou antipartidária (ARAÚJO, 1997, p. 36-37).

Através disto, podemos verificar como Getúlio confiava nas massas, como ele acreditava que toda a propaganda, as palavras e a censura de seu regime, não haviam sido em vão. Vargas confiava no poder das massas e de onde vinha esta confiança? Apenas de todos os mecanismos de propaganda que havia empregado durante seus quinze anos de governo? Muitos poderiam dizer que sim, mas como vimos no capítulo anterior, Getúlio teve ao final do Estado Novo, uma prova de que o povo estava ao seu lado, o *Queremismo*, e o autor Jorge Ferreira expressou em seu trabalho, exatamente o motivo deste apoio:

O impacto das leis sociais entre os assalariados não pode ser minimizado. Sem alguma repercussão em suas vivências, o governo Vargas não teria alcançado o prestígio que obteve entre os trabalhadores, mesmo com a avassaladora divulgação de sua imagem patrocinada pelo DIP. (FERREIRA in FERREIRA & DELGADO, 2003, p. 19).

E como tratado anteriormente, pudemos verificar que em cada primeiro de maio Getúlio concedia ao povo algum “presente”, alguma “lei de impacto social”, fato este que nos permite confirmar que as massas, esperavam ansiosamente por cada primeiro de maio, grande

³⁰ Reforçamos que o período governamental de 1951, apenas está sendo utilizado para elucidar sobre os resultados obtidos por Vargas durante o Estado Novo.

amostra disto, é a forte presença da população no primeiro de maio de 1951³¹. No entanto, Vargas, ainda conseguiu desenvolver na população brasileira, conforme já apresentamos, o fortalecimento na população de dois sentimentos: o nacionalismo e o trabalhismo, e em ambos os casos o ex-presidente trabalhou para que ele fosse tomado como o exemplo de um *trabalhador* preocupado com a *nação*.

O nacionalismo foi principalmente desenvolvido pela dita lei dos dois terços que “Dispõe sobre a nacionalização do trabalho e a proteção ao trabalhador nacional.” (BRASIL. Diário Oficial da União. Seção 1. 09/12/1939. p. 28224); enquanto o trabalhismo foi desenvolvido a partir do nacionalismo, de termos como *operários*, *trabalhadores do Brasil*, muito utilizados em discursos de Vargas ou de seus ministros.

Essa preocupação de Vargas em trazer o povo para próximo do governante, de lhes conceder tantas “dádivas”, talvez seja o que tenha deixado a população em 1945, tão “indignada com as ofensas a Vargas” (FERREIRA in FERREIRA & DELGADO, 2003, p. 19), e principalmente, fez com que o povo não só apoiasse sua candidatura, mas aguardasse ansiosamente seu retorno ao poder em 1951.

Mas, e as elites?³² Se Vargas agradava tanto ao povo, isso de acordo com os exemplos históricos de que detemos, deveria desagradar as elites, tanto econômicas, como intelectuais. Como as chamadas elites não se levantaram contra o presidente antes? Cabe problematizar por que elas não denunciaram

[...] a aplicação, nos anos do Estado Novo, das técnicas de propaganda política de massa, importadas da Alemanha nazista, impostas pelo DIP, sobre uma população pobre, analfabeta e ignorante, permitindo que, no caso da ditadura, surgissem tais constrangimentos. (FERREIRA in FERREIRA & DELGADO, 2003, p. 18).

Nesse sentido, vale observar que Getúlio sabia também como conquistar as elites econômicas. Primeiramente apoiava as indústrias nacionais, sob a afirmação de que eram imprescindíveis para o crescimento do Brasil e se necessário, como acontecia com os trabalhadores, o presidente lhes fazia concessões, pois, mesmo concedendo anualmente ao povo “os presentes” do primeiro de maio, Vargas quando conveniente também concedia presentes aos ricos, como a suspensão de algumas leis sociais, como a carga horária de no máximo oito horas, conforme apontado por Ângela de Castro Gomes (1994, p. 208) No

³¹ Vide <<http://www.youtube.com/watch?v=LQCV1iFegZg&hd=1>> Acesso em: 22/06/2013.

³² Quando usamos esse termo, identificamos especialmente os seguintes grupos: acadêmicos, empresários, jornalistas, entre outros.

entanto, as elites intelectuais eram fortemente repreendidas, como também já citado, o DIP praticava forte censura; sendo assim, antes de 1945 não detinham muitos meios de se opor ao governo.

E o que fez então essas elites ganharem tamanho poder? Que lhes deu poder para desafiar seu líder? Durante seu governo, Getúlio Vargas tendia ao nacionalismo extremado, chegando a se aproximar dos governos de Mussolini e Hitler ou até mesmo a copiá-los:

Assis Chateaubriand aconselhou Getúlio Vargas a seguir à risca o modelo de propaganda alemão, cuja “técnica obtém resultados até a hipnose coletiva [...]”; o número de heréticos se torna cada vez mais reduzido, porque o esforço de sugestão coletiva é desempenhado pelas três armas mais poderosa de combate da técnica material de propaganda: o jornalismo, o rádio e o cinema [...]” (Diário de S. Paulo, 30 abr. 1935, editorial apud CAPELATO, 1998, p. 203).

No entanto, devido à pressão dos Estados Unidos da América e de um ato ofensivo dos alemães, o presidente brasileiro acabou decidindo-se pela entrada na Segunda Guerra Mundial ao lado dos aliados, o que iniciou o fim do governo Vargas, como vimos no capítulo anterior. Os soldados que combateram na Europa governos ditatoriais, não concordaram em voltar para sua pátria e terem aqui um governo ditador.

No início de 1945, sem o apoio dos altos escalões das Forças Armadas, cindido o grupo que o cercava no Palácio do Catete e com a derrota irremediável dos fascismos da Europa, Vargas perdeu a base de sustentação de seu poder, e portanto, as condições políticas para continuar na presidência da República. (FERREIRA in FERREIRA & DELGADO, 2003, p. 16).

Foi com este ato que as elites intelectuais finalmente viram uma opção para se oporem ao governo; foi ali que a censura do DIP começou a perder sua força; pela primeira vez em anos, o governo Vargas começava a sofrer com as críticas, e o Brasil, entraria em um momento totalmente novo, quando o presidente seria por um lado fortemente criticado pelas elites que se opunham ao seu “regime ditatorial” e, por outro, defendido pelas massas, que haviam sido doutrinadas por meio da propaganda política que

[...] se vale de ideias e conceitos, mas os transforma em imagens e símbolos; os marcos da cultura são também incorporados ao imaginário, que é transmitido pelos meios de comunicação. A referência básica é a sedução, elemento de ordem emocional de grande eficácia na atração das massas. (CAPELATO apud FREITAS, 1998, p. 202).

Ou seja, por meio dessa sedução como fala Capelato, por meio das leis sociais como chama atenção Ferreira, o povo aclamava Vargas como o líder, aquele que estava levando o Brasil a um novo patamar. Mas, como apontam Capelato e Araújo: Vargas impedia o exercício da democracia, o que era fortemente defendido até mesmo por seus aliados na guerra, pois, “O próprio embaixador norte-americano, então recém-nomeado por Roosevelt, declarou que seu país, em matéria de política externa, combateria os governos nacionalistas” (FERREIRA in FERREIRA & DELGADO, 2003, p. 16).

Como mencionado anteriormente, Vargas foi retirado do poder pelos Generais Góis Monteiro e Eurico Gaspar Dutra, mas, o povo não se esqueceu do presidente, pois, ele mesmo tendo sido afastado do cargo não se deixou esquecer e muito menos que o povo tivesse apagada sua imagem como “pai”, como “patrono” e como “trabalhador”. Viajava pelos estados e recebia os aliados do PSD, procurando manter seus apoios. E por onde passava durante sua candidatura, defendia a “industrialização” e a “necessidade de se ampliar a legislação trabalhista” (FAUSTO, 2000, p.405), ou seja, Vargas ainda se apresentava como o líder da nação preocupado com o desenvolvimento desta e de seu povo. Esse papel foi por ele representado até o momento derradeiro em 24 de Agosto de 1954, quando após escândalos em seu governo democrático, retirou a própria vida, com um tiro no coração, episódio este “acompanhado de uma carta-testamento que se transformaria num dos mais conhecidos documentos históricos brasileiros. Nela, Vargas fazia uma declaração nacionalista e de amor ao povo.” (ARAÚJO, 1997, p. 40).

Para encerrar, gostaríamos de reiterar, portanto, o modo como Getúlio procurou sempre se fazer representar: como um líder preocupado com o povo, que buscava atender a todas as expectativas, tanto das massas, como das elites; alguém que se preocupava em manter o poder, mas que foi privado de concluir seus planos por aqueles que, na visão dele e das massas, desejavam atrapalhar as conquistas dos trabalhadores; e isto ocorreu tanto em 1945, como em 1954, quando na visão de Getúlio, deixou que os opositores lhe tomassem o poder, para evitar o sofrimento de seu povo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, pudemos compreender que desde a infância Getúlio esteve cercado de um ambiente político, aspecto que perdurou durante sua trajetória estudantil, principalmente após iniciar seus estudos superiores. Também foi importante compreendermos como ocorreu sua trajetória antes da revolução de 1930, quando Vargas se preparava para os caminhos que viria a seguir, e, ao iniciar sua participação nos meios políticos, a maneira como buscava se adaptar às mais diversas situações.

Quando assumiu o cargo de Deputado Federal, Getúlio pode ter parecido para alguns apenas uma espécie “marionete” nas mãos de Borges de Medeiros, mas na verdade, ele já demonstrava procurar meios de fixar sua imagem como um “salvador dos pobres”, afinal um homem com ambições tende sempre a estudar os meios possíveis para atingir seus objetivos, e após atingir estes objetivos, também procurar meios de não ter destruídos seus planos. Assim, tanto como governador do Rio Grande do Sul, como posteriormente presidente da República, passou a se preocupar em satisfazer o maior perigo, que simultaneamente seria o maior aliado de seu governo, o *povo*. Por mais inimigos “solitários” que pudesse vir a ter, nas cúpulas políticas o ex-presidente aparentemente sabia que a população seria sua maior arma contra tais oponentes; mas, ao mesmo tempo, caso não estivesse satisfeita, poderia ser também um inimigo ainda mais perigoso para um presidente.

No entanto, o presidente não apenas procurava satisfazer a população, mas também se esforçava em dispor de meios para “destruir” seus inimigos; inicialmente sem violências, usava de poderes que o cargo presidencial lhe outorgava para enfraquecer a oposição, afinal estas poderiam fazer que a população se voltasse contra ele. Criou o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), talvez sua maior “invenção” e um de seus maiores aliados, no caminho presidencial que veio a trilhar. Caminho este que pode ser visto não como um ato de heroísmo, mas como uma das grandes estratégias de planejamento realizadas por um político: um presidente que conseguiu, por meio da construção de sua própria imagem, estender seu governo “provisório” por 15 anos.

Tal aspecto é que acabou por despertar o interesse de muitos historiadores pelo estudo do governo varguista; por isso, a busca da compreensão dos mecanismos que o personagem usou para criar a imagem de “pai” da nação se faz importante, pois esta imagem

foi moldada por meio de um tipo de populismo com alguma semelhança ao usado por Stalin, Hitler ou Mussolini, em um país denominado capitalista e *democrático*.

Como vimos, quando Vargas, pelas circunstâncias históricas, perdeu o controle de suas ferramentas:

Com o avanço das tropas Aliadas e a derrota, agora vista como inevitável do nazifascismo europeu, o Estado Novo, sobretudo no segundo semestre de 1944, dava mostras de esgotamento político. Estudantes, comunistas, liberais, empresários que enriqueceram sob a ditadura e coalizões civis e militares, organizados em grupos de resistência, surgiram no cenário político. Em contatos e articulações diversas, o nome do brigadeiro Eduardo Gomes, em outubro, foi confirmado pelas oposições como candidato a suceder Vargas no governo. Mais alguns meses e o aparato repressivo do Estado não daria mais conta dos protestos que surgiam dos grupos organizados da sociedade. (FERREIRA, 2003, p.16).

E com isso, o presidente viu seu trabalho e sua imagem se perderem totalmente? Não, a imagem construída por Vargas foi tão forte que ainda lhe rendeu um novo mandato em 1951, agora como presidente eleito pelo voto direto; e essa é a grande marca de Vargas: “Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue terá o preço de seu resgate” (VARGAS apud ARAÚJO, 1997, p. 41).

Esse poder simbólico que fez com que a população desejasse sua permanência e mais tarde lhe devolvesse o poder - e que foi retirado pelos que são considerados “inimigos” ricos e poderosos, do querido “pai” dos pobres - não se encerrou com sua morte em 1954; ele se mantém até hoje, como se pode observar nas palavras do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, quando, durante seu governo (1994–2001), privatizou inúmeras empresas estatais, apoiado no fato de que,

analistas defendiam que a tendência mundial de abertura das economias, de privatização das empresas estatais, redução da ação do Estado, controle das contas públicas e ajuste fiscal resultaria, para o Brasil, na “terceira morte de Vargas”. (FERREIRA, 2008)³³.

“A Era de Vargas acabou”; essa frase foi pronunciada pelos militares em 1964, mas, parece que ainda hoje essa *Era* permanece viva, pois,

³³ Disponível em <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/vargas-para-todos-os-gostos>>. Acesso em: 30/09/2013.

Depois de eleito FHC, muitas vozes da oposição continuaram a apregoar os valores positivos de um certo legado varguista. Na luta contra as privatizações e no debate sobre a revisão da legislação trabalhista, a figura de Getúlio era acionada para contestar os novos rumos tomados pelo país. O embate ganhou novas feições em 2004. Desde o ano anterior, o país vivia sob o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, ex-líder operário que iniciou sua carreira política no final do regime militar, fundando o PT, e que jamais se declarou, ele próprio, herdeiro de alguém. Contrariando certas expectativas de que o velho líder não mais despertaria grande interesse, naquele ano Vargas ressurgiu com grande vigor. Os principais jornais do país prepararam alentados cadernos especiais. As revistas de História dirigidas ao grande público saíram com fotos de Vargas estampadas na capa. Políticos e intelectuais dedicaram-se a discutir o assunto. (FERREIRA, 2008)³⁴.

Não pretendemos entrar em uma nova discussão, agora sobre o governo Lula; apenas chamamos a atenção para a trajetória do ex-presidente, para tomá-lo como exemplo, de que a imagem de Vargas ainda desperta interesse nos brasileiros, e principalmente, ainda é usada como ponto de comparação para o populismo de figuras como Lula. Essa representação pode também ser usada como exemplo em relação ao modo como alguns políticos brasileiros aprenderam com Getúlio a importância das massas em um governo; isso demonstra que Getúlio depois de ter dado esse primeiro passo, representativamente conseguiu deixar “a vida para entrar na História”. (VARGAS apud ARAÚJO, 1997, p. 41).

³⁴ Disponível em <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/vargas-para-todos-os-gostos>>. Acesso em: 30/09/2013.

REFERÊNCIAS

Fontes:

Vargas, Getúlio D. Discurso do Dia do Trabalho de 1938. [01 de maio de 1938]. In: ARAÚJO, Maria Celina Soares D' (Org.). *Getúlio Vargas, 1883-1954*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.

_____. Discurso do Dia do Trabalho de 1951. [01 de maio de 1938]. In: ARAÚJO, Maria Celina Soares D' (Org.). *Getúlio Vargas, 1883-1954*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.

_____. Discurso do Dia do Trabalho de 1951. [01 de maio de 1951]: acessível no endereço eletrônico <<http://www.youtube.com/watch?v=LQCV1iFegZg>>.

Bibliografia:

ARAÚJO, Maria Celina Soares D'. *A Era Vargas*. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

AXT, Gunter. O governo Getúlio Vargas no Rio Grande do Sul (1928-1930) e o setor financeiro regional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n° 29, 2002.

BRASIL. *Diário Oficial da União*. Seção 1. 09/12/1939. p. 28224.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e Abusos da História Oral*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

BURKE, Peter. *A fabricação do rei*. A construção da imagem pública de Luís XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CAPELATO, Maria H. R. Estado Novo: Novas Histórias. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) *Historiografia em perspectiva* São Paulo: Contexto, 1998.

_____. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida N. (Org.) *O Brasil Republicano 2: O tempo do nacional-estatismo*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2006, p.107 – 143.

_____. *Multidões em cena: Propaganda política no varguismo e no peronismo*. 2ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12ª Edição. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

FERREIRA, Jorge. A democratização de 1945 e o movimento queremista. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida N. (Org.) *O Brasil Republicano 3: O tempo da experiência democrática*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2008, p.13 – 46.

FERREIRA, Marieta M; PINTO, Surama C. S. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida N. (Org.) *O Brasil Republicano 1: O tempo do liberalismo excludente*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003, p.389 – 415.

GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

LUCCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKI, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

NETO, Lyra. *Getúlio 1882 – 1930: Dos anos de formação à conquista do poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PANDOLFI, Dulci C. Os anos 1930: As incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida N. (Org.) *O Brasil Republicano 2: O tempo do nacional-estatismo*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2006, p.13 – 37.

Webgrafia:

BARBOSA, Marco A. O legado da Rádio Nacional. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/noticias/o_legado_da_radio_nacional.html>. Acesso em 25/06/2013.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Vargas para todos os gostos. Disponível em <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/vargas-para-todos-os-gostos>>. Acesso em: 30/09/2013.

MAZZEI, Arnaldo José F. O Legado Vargas. Disponível em <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_legado_de_vargas.html>. Acesso em: 26/06/2013.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. Resenha crítica do livro de Peter Burke. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 43, n. 1, 2000. Resenha de: BURKE, Peter. *A fabricação do rei: A construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994, 254 pp. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012000000100010&script=sci_arttext> Acesso em 23/06/2013.

Anexo:

Discurso pronunciado em 01 de maio de 1938:

“Operários do Brasil: No momento em que se festeja o "Dia do Trabalho", não desejei que esta comemoração se limitasse a palavras, mas que fosse traduzida em fatos e atos que constituíssem marcos imperecíveis, assinalando pontos luminosos na marcha e na evolução das leis sociais do Brasil.

Nenhum governo, nos dias presentes, pode desempenhar a sua função sem satisfazer as justas aspirações das massas trabalhadoras. (Muito bem; palmas.)

Podeis interrogar, talvez: Quais são as aspirações das massas obreiras, quais os seus interesses? E eu vos responderei: A ordem e o trabalho! (Muito bem; palmas prolongadas.)

Em primeiro lugar, a ordem, porque na desordem nada se constrói; porque, num país como o nosso, onde há tanto trabalho a realizar, onde há tantas iniciativas a adotar, onde há tantas possibilidades a desenvolver, só a ordem assegura a confiança e a estabilidade. (Muito bem!)

O trabalho só se pode desenvolver em ambiente de ordem. Por isso, a Lei do Salário Mínimo, que vem trazer garantias ao trabalhador, era necessidade que há muito se impunha. Como sabeis, em nosso país, o trabalhador, principalmente o trabalhador rural, vive abandonado, percebendo uma remuneração inferior às suas necessidades. (Muito bem!)

No momento em que se providencia para que todos os trabalhadores brasileiros tenham casa barata, isentados dos impostos de transmissão, torna-se necessário, ao mesmo tempo, que, pelo trabalho, se lhes garanta a casa, a subsistência, o vestuário, a educação dos filhos. (Muito bem; palmas prolongadas.)

O trabalho é o maior fator da elevação da dignidade humana!

Ninguém pode viver sem trabalhar (Muito bem); e o operário não pode viver ganhando, apenas, o indispensável para não morrer de fome! (Muito bem; aplausos prolongados.) O trabalho justamente remunerado eleva-o na dignidade social. Além dessas condições, é forçoso observar que, num país como o nosso, onde em alguns casos há excesso de produção, desde que o operário seja melhor remunerado, poderá, elevando o seu padrão devida, aumentar o consumo, adquirir mais dos produtores e, portanto, melhorar as condições do mercado interno. Após a série de leis sociais com que tem sido amparado e beneficiado o trabalhador brasileiro, a partir da organização sindical, da Lei dos Dois Terços, que terá de ser cumprida e que está sendo cumprida (Muito bem; palmas prolongadas), das férias remuneradas, das caixas de aposentadoria e pensões, que asseguraram a tranquilidade do trabalhador na invalidez e a dos seus filhos na orfandade, a Lei do Salário Mínimo virá assinalar, sem dúvida, um marco de grande relevância na evolução da legislação social brasileira. Não se pode afirmar que seja o seu termo, porque outras se seguirão.

UM OPERÁRIO: — Confiamos em V. Exa. (Muito bem; palmas.)

O SR. PRESIDENTE GETULIO VARGAS: — O orador operário, que foi o intérprete dos sentimentos de seus companheiros, declarou, há pouco, que a legislação social do Brasil veio estabelecer a harmonia e a tranquilidade entre empregados e empregadores. É esta uma afirmativa feliz, que ecoou bem no meu coração. (Muito bem; palmas.) Não basta, porém, a tranquilidade e a harmonia entre empregados e empregadores. É preciso a colaboração de uns e outros no esforço espontâneo e no trabalho comum em bem dessa harmonia, da

cooperação e do conagraçamento de todas as classes sociais. (Muito bem; prolongados aplausos.)

O movimento de 10 de novembro pode ser considerado, sob certos aspectos, como um reajuste dos quadros da vida brasileira. (Muito bem; palmas.) Esse reajustamento terá de se realizar, e já se vem realizando, exatamente pela cooperação de todas as classes. O Governo não deseja, em nenhuma hipótese, o dissídio das classes nem a predominância de umas sobre outras. (Muito bem.) Da fixação dos preceitos do cooperativismo na Constituição de 10 de novembro deverá decorrer, naturalmente, o estímulo vivificador do espírito de colaboração entre todas as categorias de trabalho e de produção. Essa colaboração será efetivada na subordinação ao sentido superior da organização social. Um país não é apenas um conglomerado de indivíduos dentro de um trecho de território mas, principalmente, a unidade da raça, a unidade da língua, a unidade do pensamento nacional. (Muito bem; palmas.)

É preciso, portanto, para a realização desse ideal supremo, que todos marchem unidos, em ascensão prodigiosa, heroica e vibrante, no sentido da colaboração comum e do esforço homogêneo pela prosperidade e pela grandeza do Brasil! (Muito bem; muito bem; aplausos vibrantes.)”³⁵.

³⁵ <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes> Acesso em: 11/12/2012